

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais



Antônio Carlos Ferreira

ARENA DA CULTURA:
ARTE TROCA E CONSTRUÇÃO COLETIVA

Belo Horizonte

2016

Antônio Carlos Ferreira

**ARENA DA CULTURA:
ARTE TROCA E CONSTRUÇÃO COLETIVA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Ma. Letícia Weiduschadt

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2016

Ferreira, Antônio Carlos, 1964 –
ARENA DA CULTURA: ARTE, TROCA E CONSTRUÇÃO COLETIVA:
Especialização em Ensino de Artes Visuais / Antônio Carlos Ferreira –
2016.
65 fls.

Orientador(a): Profa. Ma. Leticia Weiduschadt

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de
Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Weiduschadt, Leticia. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III.
ARENA DA CULTURA: ARTE TROCA E CONSTRUÇÃO COLETIVA:
Especialização em Ensino de.

CDD: 707

**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**



Monografia intitulada *ARENA DA CULTURA: ARTE TROCA E CONSTRUÇÃO COLETIVA*, de autoria de Antônio Carlos Ferreira, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Orientadora: Profa. Ma. Letícia Weiduschadt
EBA/UFMG

Profa. Ma. Patrícia de Paula
EBA/UFMG

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA/EBA/UFMG

Belo Horizonte, 2016

Formação – O orgulho é a consciência (certa ou errônea) do nosso valor próprio; a vaidade é a consciência (certa ou errônea) da evidência do nosso valor aos olhos dos outros. À primeira vista, é difícil compreender como podemos ter consciência da evidência do nosso valor no conceito dos outros sem a consciência do nosso valor em si.

Fernando Pessoa

DEDICATÓRIA

Ao meu Cônjuge Cláudio de Freitas Santos, que durante esses quinze anos de companheirismo, buscamos conquistar nossos direitos como o da nossa união civil, contribuindo com esse lugar do trabalho coletivo através da arte e sua difusão através das ações sociais que estabelecemos com nossa Associação Cultural. Também dedico aos meus quinze cães que durante todos os dias em que estive debruçado nesta escrita, me estimularam com seus latidos e serenatas caninas.

Claro que não poderia deixar de dedicar também à duas pessoas que foram protagonistas deste projeto. Duas pessoas que jamais serão esquecidas por aqueles que vivenciaram a dedicação e o envolvimento que eles fizeram pelo Arena da Cultura, esta pesquisa dedico in memoriam para os ex-coordenadores Marcos Vogel (teatro) e Rui Santana (artes plásticas).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores, alunos e profissionais que vivenciaram esses dois anos no Curso de Especialização de Ensino em Artes Visuais, destaco entre estes o encontro com a ceramista Maria Januária Malagoli, nova parceira no mundo das artes e o reencontro com professora Lúcia Pimentel, a primeira professora que sinalizou o meu desejo para o ensino de arte, no ano de 1993 no Teatro Universitário da UFMG. As minhas corajosas orientadoras Patrícia e Letícia, que bem mais jovens, me fizeram exercitar mais uma vez a escuta, para generosamente traçar esta trajetória do Arena da Cultura.

Ao Arena da Cultura a experiência ali adquirida que me permitiu retornar neste lugar do ensino através da memória e da pesquisa, assim como a todos profissionais, professores, alunos, gestores e ex-usuários que compartilharam comigo esta experiência, em especial a Sônia Maria Augusto.

Por fim, a todos os pesquisadores, filósofos, historiadores, artistas e educadores que a todo tempo têm discutido os processos que podem cada vez mais contribuir com o ensino e a educação através das artes em nosso país e no mundo.

RESUMO

Esta pesquisa é um levantamento histórico dos processos de estruturação e institucionalização do Programa Arena da Cultura – Escola Livre de Artes, nestes quinze anos de existência, onde o exercício do fazer artístico perpassou pela troca, escuta e construção coletiva sobre as práticas de ensino com resultados dos cursos de arte nos segmentos de teatro, dança, música e artes plásticas do programa e do seu processo de institucionalização. O objetivo foi fazer um recorte embasado tanto nos resultados e registros de processos de estruturação, reestruturação administrativa e pedagógica, bem como nos processos que vivenciei no programa como professor e produtor artístico nas Mostras e Circuitos Culturais. Todo este levantamento se deu através de levantamento histórico, memória e depoimentos em entrevistas com professores, artistas, alunos, grupos sociais e movimentos artísticos que tiveram e tem a experiência adquirida neste programa.

Palavras-chave: Escuta; Artes Visuais; Formação Artística e Ensino não-formal.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mostra Arena da Cultura	13
Figura 2: Instalação – Sala de interação com bolas – trabalho de alunos de artes plásticas – Prof. Aline Valetin	35
Figura 3: Galeria de exposição dos alunos do ateliê de pintura – Prof. Wiliam Quintal	35
Figura 4: Trabalhos dos alunos da AMPROH União, artes visuais e áudio visual	51
Figura 5: Ampliação do texto da imagem 4 em destaque neste capítulo	51
Figura 6: Trabalhos dos alunos de artes visuais – Arena da Cultura	52
Figura 7: Trabalhos dos alunos de artes plásticas – Artur de Sá– BH Cidadania	52
Figura 8: Desenho acervo Dolabella	56
Figura 9: Desenho acervo Dolabella	56

SUMÁRIO

Introdução	10
1 ARENA DA CULTURA – 10 ANOS	13
1.1 O programa Arena da Cultura.....	13
1.2 Arena, processo de troca e construção	18
1.3 Reconhecimento da construção coletiva	23
2 ARENA DA CULTURA, IDENTIDADE CONQUISTADA	27
2.1 Transformação a partir da escuta	27
2.2 Mostras e circuitos culturais, resultados norteadores	31
2.3 Arena da Cultura: a Escola Livre de Artes – ELA	35
3 ESCOLA LIVRE DE ARTES – ARENA DA CULTURA	40
3.1 Experiências e práticas na ELA	43
3.2 Compartilhamento e construção coletiva	47
3.3 Institucionalização da Escola Livre de Artes.....	57
Considerações finais	62
Referências	64
Anexos	65

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma pesquisa sobre a atual Escola Livre de Arte – Arena da Cultura, que se intitula “Arena da Cultura: Arte, troca e construção coletiva”, que pretende analisar e discorrer sobre as práticas de ensino do programa Arena da Cultura, seu processo de institucionalização e dos resultados do curso de artes visuais e das outras áreas como o teatro, dança e música, que contribuíram para a constituição do programa. O objetivo foi fazer um recorte, tendo como princípio os registros e resultados dos processos de reestruturação do programa e também a minha vivência como professor e produtor de oficinas, mostras e circuitos culturais. Além disso, a investigação se ampliou através de depoimentos e entrevistas com professores, artistas, alunos, grupos sociais, movimentos artísticos e ex-usuários que tiveram e tem a experiência adquirida neste programa.

A proposta de discutir o percurso de construção do programa Arena da Cultura e do seu papel na formação através da arte – conceituado pela escuta, a troca e a construção coletiva – surgiu devido a necessidade de registrar os quinze anos de construção do Arena, constituído como a Escola Livre de Artes de Belo Horizonte, desde 2014. Este recorte será apresentado, em partes, pela minha experiência adquirida no programa em seis anos de participação e na relação de convívio com coordenadores, professores, alunos, gestores públicos, movimentos culturais e sociais que participaram do processo de construção e formação no programa. Além disso, serão abordadas as ações de desdobramento de formação, como as Mostras e Circuitos Culturais que trazem resultados das oficinas, e outros programas como BH Cidadania e Agente Jovem, que garantiram a formação e difusão cultural, ampliando a recepção entre escola e cidadão em cada Regional de Belo Horizonte. A partir da orientação no Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, percebi a importância do resgate desta experiência, destacando o fazer coletivo que esta Escola Livre de Artes aborda em sua metodologia, possibilitando perceber, identificar e relatar o ensino das Artes, neste projeto e seus impactos, com destaque para as artes visuais.

A vivência adquirida durante esta trajetória, tem como foco principal a formação de público e do indivíduo através das artes visuais, destacando o processo da construção artística através do trabalho coletivo, relatado nos capítulos que se seguem. Imbuído pelo Ensino de Artes Visuais, trazer a tona este recorte sobre o Arena da Cultura e as sensações, emoções e percepção do trabalho ali desenvolvido,

irá envolver o leitor sobre os processos de ensino de artes construído em uma escola não-formal que cumpre o papel multidisciplinar. No primeiro capítulo, esta pesquisa irá trazer um recorte fundamental sobre todo o processo de construção do Programa Arena da Cultura e de sua estruturação durante os primeiros dez anos.

No segundo capítulo, ancorado pelo processo de construção, será apresentado toda a reestruturação e afirmação da identidade do Arena da Cultura que compreende na identificação dos usuários com os processos abordados pelo programa; os resultados das oficinas através das Mostras, Circuitos Culturais; as ações dos núcleos executados por projetos como BH Cidadania e Agente Jovem entre outras ações realizadas no Programa. Com os apontamentos e a identificação destes processos, a partir de levantamentos de material histórico, memória, depoimentos e de um referencial teórico, a pesquisa se amplia na comparação, discussão e investigação sobre o programa e a sua contribuição na formação artística, difusão e participação em ações culturais desenvolvidas através das políticas públicas. De acordo com estas informações pontua-se o processo de integração entre artista, cidadão e o poder público para obter resultados satisfatórios na criação de um espaço de fomento e valorização da criação artística.

A partir dos resultados destas ações, no terceiro capítulo, analisa-se o processo de formação e das relações dos processos de criação desenvolvidos em sala de aula. Todos os processos de investigação e estudo permitiram desenhar a estrutura e as metodologias utilizadas pelo Arena da Cultura, hoje em processo de institucionalização já reconhecido como uma Escola Livre de Artes. Neste capítulo o papel do professor e a relação entre o ensinar/aprender será discutido de forma ampla para que possamos pensar tanto sobre os processos aplicados, bem como nos resultados, que tem contribuído com o desenvolvido do papel de cada indivíduo. Seja como educador ou aluno, espectador ou ator, apreciador ou artista, investiga-se a multiplicidade para discutir e questionar o nosso papel no Ensino de Arte.

Todas as pesquisas práticas e teóricas sobre o Arena da Cultura e suas atividades irão permitir entendermos o importante processo de convivência, onde a troca, a escuta e a construção coletiva, são relevantes para a criação artística. Esta premissa, que intitula o projeto, permitirá percorrer um caminho que irá evidenciar diversas atividades artísticas dentro e fora do Arena da Cultura, sejam elas mais corriqueiras, na intimidade familiar, no trabalho ou no dia a dia destes usuários. Estas ações levaram e destacaram a participação de toda a população neste projeto, através

do ensino de arte. O Arena da Cultura é uma ferramenta de transformação, em que o tempo para a escuta é fundamental. Desta forma, é importante destacar e entender que a escuta, a troca e a construção coletiva são ações processuais que tem garantido a sua continuidade. A ELA – Escola Livre de Artes é resultado de todo o processo de construção que teve seu reconhecimento a partir destas relações e experiências entre público, usuários, alunos, professores, grupos de pessoas, artistas, cidadãos, movimentos culturais e sociais. Como observador e pesquisador destes processos, pretendo mostrar o impacto e alguns resultados das ações coletivas desenvolvidas nas artes visuais e também os seus desdobramentos com as outras áreas.

Por fim, esta pesquisa tem como objetivo registrar a história de construção do Arena da Cultura, seus processos de expansão, sua organização e institucionalização. Além disso, destaca-se as relações dos processos de formação artística, enfatizando o Ensino de Artes Visuais, sua especificidade na sala de aula e nos resultados destes processos. O presente trabalho irá focar para este espaço de formação, que se propõe conduzir de modo não formal o Ensino de Artes no Brasil, possibilitando a reflexão e a compreensão das relações aluno e educador. O que diferencia o professor/artista, do professor/não artista? Como podemos aferir e compreender esta relação humana onde a ação do ensinar e aprender estão constantemente sendo questionada? A arte é fundamental em nosso mundo, para o conhecimento e o desenvolvimento da criação humana?

1 ARENA DA CULTURA – 10 ANOS

Figura 1: Mostra Arena da Cultura.



Fonte: Catálogo – Mostra Arena 10 anos.

1.1 O programa Arena da Cultura

O Arena da Cultura, programa de formação artística da cidade de Belo Horizonte, surgiu a partir de diversas discussões, devido às necessidades de atender as demandas da sociedade, que evidenciavam em diversas regionais suas especificidades pelo fazer artístico, colocando em cena os espetáculos de música, teatro, poesia e cultura popular como congado, folias de reis entre outras manifestações culturais, como afirma a gestora pública Sônia Augusto¹, importante personalidade desta história e entrevistada que contribuiu para esta pesquisa. Para Sônia Augusto (ANEXO I), que participa do processo de implantação do programa desde 1992, a demanda solicitada pelas comunidades fez com que o poder público, percebesse o impacto destas manifestações. Assim os gestores públicos e a sociedade civil da área da cultura, naquele momento, agilizaram as ações e mecanismos estruturantes para que o departamento de cultura atendesse esta pulsação que tomava conta da capital mineira.

Os artistas e gestores envolvidos na criação do Programa constataram que esta efervescência começou a emergir na cidade, com advento do impacto cultural no

¹ Sônia Maria Augusto é funcionária pública locada na pasta da cultura, desde 1990, e contribuiu nas formulações e estruturações de criação do Programa Arena da Cultura, hoje reconhecido como Escola Livre de Arte.

período da década de noventa, e foi marcado principalmente por movimentos de grupos de teatro, músicos e artistas plásticos. A partir disso, começou um grande trabalho de estruturação e criação da Secretaria Municipal de Cultura, uma pasta sem autonomia e locada junto a outros departamentos com ações voltadas para o social, com proposição de dar o primeiro passo para atender a demanda mobilizada pela população. Augusto destaca em sua fala, a seguinte posição sobre as ações dos equipamentos culturais nesta época:

Os espaços culturais já conduziam ações de formação artística. Um dos primeiros Centros Culturais da cidade, o Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado², foi um espaço de acolhimento e transformador para a formação e a difusão da cultura na cidade de Belo Horizonte. (AUGUSTO, 2015).

O Centro Cultural Lagoa do Nado, é um espaço que foi reconhecido e demandado pelas mobilizações culturais e sociais no final da década de 80, onde a população conseguiu, através de liminar, o tombamento e preservação da Fazenda Renée Gianetti, para a sua instalação no ano de 1992, conforme informações colhidas no site da prefeitura. Este processo se deu da seguinte forma:

Devido a urgência para a organização e estruturação deste primeiro equipamento reconhecido como primeira referência do pensamento coletivo para artes e para cultura em Belo Horizonte, os artistas, a comunidade e os gestores públicos trabalharam para a implantação da Secretaria Municipal de Cultura, órgão que começaria a possibilitar, ações e tramitações de programas de Artes em conjunto com as suas Unidades Culturais, inauguradas após a sua criação e a Comissão Municipal de Incentivo à Cultura, instituída pela Lei n.º 6.498, de 29 de dezembro de 1993. (PORTAL/PBH, 2015.)

As ações de estruturação dos órgãos ligados ao Departamento de Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte são marcos relevante para destacar a concepção e criação do programa que foi efetivado em 1998 e mantém sua continuidade, no que tange à potencializarão e ao estímulo do cidadão na formação, criação artística e difusão cultural, hoje como a Escola Livre de Artes.

Com esta estruturação, gestores e artistas envolvidos no mapeamento e levantamento das demandas solicitadas pela cultura, começaram a viabilizar a

² Centro de Referência da Cultural Popular e Tradicional Lagoa do Nado, pioneiro espaço e importante centro de cultura e parque ecológico de Belo Horizonte, que ocupou a Fazenda Renée Gianetti, que teve a alcunha em homenagem ao empresário mineiro, Américo Renée Giannetti ex-secretário de Agricultura no governo de Milton Campos (1947-1951).

convocação e contratação de profissionais dos segmentos artísticos, com experiências, referências e vivências coletivas em diversas áreas para atuar como professor nas oficinas de arte e capacitação para iniciantes e artistas demandados. Assim, em 1995 iniciam as primeiras ações, desenvolvida no Centro Cultural Lagoa do Nado, conduzidas pelo diretor de teatro Marcos Vogel.³

Este primeiro processo de formação artística abarcou oficinas de capacitação artística na área de artes cênicas e a cultura popular, provocando no período de três anos um grande desdobramento de outros segmentos, ampliando as demandas e multiplicando os resultados de forma surpreendente. Esse ato de estimular, constatar, valorizar, ensinar e aprender provocou um estado de reconhecimento e autonomia dos sujeitos envolvidos, onde gestores, coordenador artístico e professores que tiveram a perspectiva para desenhar e traçar como meta esta ação. Sônia Augusto fala que a Secretaria Municipal de Cultura naquele momento, através de sua diretora de Ação Cultural, representada por Abilde Maria da Silva Carneiro, teve uma importante atuação ao garantir a permanência do coordenador Marcos Vogel, para o encaminhamento definitivo e estruturação do programa e revela:

A diretora de ação cultural Abilde Maria, foi categórica com a secretária e disse que o departamento de Ação Cultural, não podia ficar sem a participação de um homem das artes com tantos conhecimentos, habilidades e possibilidades de organização artística, para contribuir na estruturação de um programa com uma dimensão mais ampla. Então a secretária convidou o coordenador Marcos Vogel para formulação e coordenação do Arena da Cultura. (AUGUSTO, 2015.)

A partir desta apropriação dos resultados destas oficinas denominadas como “Concerto para atores e floresta e administração teatral”, relatado na entrevista com Sônia Augusto, é possível reconhecer que os gestores envolvidos começaram a se posicionar de forma mais crítica, para atuarem em conjunto com a comunidade, onde o apontamento dos resultados e o impacto multiplicador nesta ação cultural na capital foram decisivos para a criação deste novo projeto. Esta ação cultural propiciou as verdadeiras necessidades solicitadas pelo público, que foram mapeados e levantados em todas regionais, através de gerências de equipamentos culturais que no período

³ Marcos Vogel, foi o primeiro coordenador artístico que colaborou com a implantação do Arena e atuou no período de 1995 a 2012. Dirigiu diversos grupos de teatro de Belo Horizonte neste mesmo período. Foi também integrante do Grupo Centro de Demolição, uns dos grupos pioneiro e reconhecido pelo impacto cultural e movimento das artes nos anos 70 e 80, na cidade do Rio de Janeiro, dirigido pelo artista Aderbal Freire Filho.

de 90 a 96, obtiveram grande procura de grupos, artistas e movimentos culturais. Neste momento, o Centro Cultural Lagoa do Nado passa a ser referência principal das ações culturais, com continuidade para a criação coletiva através dos seminários, oficinas de capacitação e formação de artistas e cidadãos interessados no fazer artísticos e também na promoção de apresentações de grupos de artistas para sua qualificação.

Com o resultado da primeira oficina “Concerto para atores e floresta” os representantes da Secretaria Municipal de Cultura e gestores culturais, ampliam a discussão com a participação da comunidade. Alguns artistas que também cumpriram o papel de educadores nas oficinas e workshops, para a implantação de um programa estruturante que pudesse abarcar toda a diversidade cultural e artística, atendendo de forma ampla os cidadão em todas as regionais: de forma descentralizadora e democrática, permitindo a participação inclusiva, atendendo alunos das faixas etárias acima de 14 anos, e todas as classes sociais.

O recorte percebido por todos envolvidos nesta ação cultural e também o impacto a partir dos resultados adquiridos na segunda oficina “Administração Teatral”, impulsionaram um novo olhar, devido à dimensão do programa, que foi percebido e constatado pelos gestores públicos que conduziam a Secretaria Municipal de Cultura, naquele momento, para garantir a sua implantação. Desta forma, surge o Arena da Cultura, cujo nome foi proposto pelo diretor de teatro e ex-coordenador da área de arte cênicas, Marcos Vogel.

O nome Arena⁴ da Cultura, é sugerido por ser um local onde se praticavam a representação de exercícios variados. Era composto de um grande centro, rodeado por corredores e acentos, permitindo uma grande visibilidade e projetada para acomodar um grande número de espectadores, lugar de onde se vê. Atravessando esta reflexão, o Arena da Cultura, começa a se constituir para ser um espaço multiplicador, transformador, criado e concretizado a partir da escuta, um dos pilares importantes que são evidenciados nas falas de todos os entrevistados.

Em 06 de novembro de 1998, o programa, inicia sua execução definitiva abarcando quatro linhas de ação estabelecidas, conforme levantamento dos

⁴ Arena, palavra que vem do latim (h) arena, que significa "areia", ou seja, semear. Arena espaço fechado, de forma circular ou oval, desenhado para realização de apresentações, teatro, música ou eventos esportivos, como na época do Império Romano, onde os gladiadores lutavam em uma superfície coberta por areia, que absorvia o sangue. (Fonte: <https://pt.wikipedia.org>. Acesso em dezembro de 2015).

documentos relativos ao Plano Quadrienal e Pedagógico apresentado para execução dos primeiros quatro anos para assegurar as ações de formação e capacitação, a difusão cultural, a intervenção sociocultural e a memória e o patrimônio, onde somente as duas primeiras, foram realizadas no primeiro momento.

A linha de ação de Difusão Cultural tem como objetivo a descentralização da cultura e distribuição dos bens culturais e artísticos, para atender a capital e também toda região metropolitana mineira. Eram atividades que priorizavam resultados que pudessem contribuir com a ampliação das ações culturais. As atividades que foram apresentadas no plano quadrienal, com as seguintes características:

Desde 2005, o Arena da Cultura pretendia desenvolver a metodologia e a prática utilizadas em 2003 e 2004, com as inovações propostas pelas avaliações permanentes das atividades feitas por alunos, professores, participantes e público dos Circuitos Culturais e Mostra, pelos representantes da área de cultura nas Administrações Regionais, diretores artísticos, coordenadores de área e equipe gestora da FMC. A atividade nesta linha de Difusão Cultural tem como ação – circuitos culturais, ciclos de debates e mostra de arte – são oferecidas anualmente, dependendo dos recursos financeiros para a sua execução. (PLANO QUADRIENAL 2009/2012, p. 31 e 32).

O cadastramento e participação de toda a comunidade nestas ações de forma que atendesse a demanda destas regiões, foi mobilizado e realizado pela diretoria de Ação Cultural de forma ampla, através de chamamento público, que contou também com a participação de artistas em cada regional, convocando toda a população belo-horizontina para suas primeiras inscrições. Este chamamento foi difundido de tal forma, que possibilitou um grande contingente de artistas, professores e alunos em toda a faixa etária, com limite mínimo de 14 anos que ingressaram no programa. As atividades concentraram-se nas nove regionais da cidade, para destacar um dos primeiros e principais projeto de política cultural, composto por um conjunto de ações voltadas para a democratização dos bens e serviços culturais da cidade, a fim de reduzir as desigualdades sociais e regionais.

Além da Linha de Difusão Cultural, o Programa também possui outras frentes de atuação de grande impacto, como a Linha Formação e Capacitação Artística. Estas frentes cumprem também o objetivo de qualificar e estimular a profissionalização, através de oficinas artísticas, que com ações norteadoras e que garantem a participação da diversidade do público neste projeto, sua continuidade e interesse pelo

fazer artístico, realizada até hoje na Escola Livre de Artes, que foram definidas no último Plano Quadrienal⁵ da seguinte forma:

A linha de Formação e Capacitação tem como meta oferecer meios para que pessoas das várias regiões da cidade, impossibilitadas de pagar cursos e oficinas oferecidos tradicionalmente, tenham acesso a um processo de formação em diversas linguagens artísticas. Pretende-se com isso contribuir para a qualificação e a profissionalização da produção artística nas diversas regiões, multiplicando as possibilidades de participação e atuação do indivíduo na sua comunidade e na cidade. Integram esta linha as oficinas, os workshops temáticos, os cursos e os seminários. (PLANO QUADRIENAL 2009/2012, p. 31)

A gestora Sônia Augusto salienta que o trabalho coletivo, a integração das áreas artísticas, toda a participação nos fóruns e avaliações possibilitaram novos caminhos para garantir as demandas e necessidades reais levantadas pelos alunos, apontadas pelos professores, coordenadores, gestores, ou seja, por todos os usuários, dando um novo horizonte para o Arena. Este projeto é uma das primeiras ações de políticas públicas, com conteúdo amplo em ação Cultural/Social da pasta da Secretaria Municipal de Cultura, atual Fundação Municipal de Cultura. Estruturado na formação artística para a cidade de Belo Horizonte, o programa trabalhava e trabalha com a difusão da produção local e regional, promovendo o intercâmbio entre as regiões e a formação através do Ensino de Arte, para todos os cidadãos da cidade de Belo Horizonte e região metropolitana.

1.2 Arena, processo de troca e construção

A partir da leitura e levantamento histórico de todo o processo de ensino do Programa Arena da Cultura, registrado nos documentos produzidos como diretrizes dos Planos Quadrienais e Pedagógicos, é perceptível que nos primeiros quatro anos, entre 1998 a 2001, quando acontece a primeira mostra, esses processos foram marcantes para as mudanças gradativas no programa. Este processo contribuiu para que a continuidade dos trabalhos ganhasse fôlego, atendendo desde a iniciação até ao desenvolvimento técnico e artístico das pessoas e grupos artísticos, conduzindo para a profissionalização, qualificação e a produção cultural.

⁵ Plano Quadrienal, plano de ação metodológica e pedagógico das ações de ensino das áreas artísticas, a serem desenvolvidas no período de quatro anos no programa arena da cultura.

Os cursos oferecidos abordavam em sua primeira realização as seguintes linguagens artísticas: Artes Cênicas e Música, priorizando a qualificação e formação de grupos já constituídos em oficinas do Ciclo de Iniciação, tendo como resultado demonstrações das atividades em uma Mostra. O espaço utilizado para realização das oficinas, naquele momento, ainda se configurava em alguns espaços onde as ações sociais e culturais eram conduzida por gerências e Centros Culturais já implantados, tendo como núcleo central o Centro Cultural Lagoa do Nado. A partir do levantamento do plano quadrienal, nos anos de 2001 a 2005, foi desenvolvido uma metodologia de formação, onde as coordenações de áreas artísticas são implementadas passando a ter três linguagens: artes cênicas, artes visuais e música. Esta ampliação auxiliou no desenvolvimento e avaliação dos trabalhos realizados pelas linhas de formação, capacitação e difusão cultural.

A reestruturação do Arena da Cultura, nesta segunda fase, foi relevante para constatar a falta de estrutura física e administrativa no programa, que provocou um contingente de ações nos processos de criação dos resultados finais das oficinas. A entrevistada Sônia Augusto, comenta que este fato provocou um tumulto pela dificuldade de espaços físicos adequados na prefeitura. E esta organização só foi possível com a parceria entre o Centro Cultural da UFMG, para realização da primeira Mostra, onde foram apresentados os resultados das oficinas em 2001, e contou com a participação de mais de 900 pessoas, no evento.

É percebido com clareza na fala de Sônia, que os resultados produzidos nas oficinas, atividades dos grupos e movimentos culturais apresentados nesta primeira Mostra, ganharam mais evidência e destaque na segunda Mostra artística, realizada em 2003, pois os resultado dos trabalhos contaram com a presença de diretores artísticos para seu aprimoramento. Esta segunda Mostra foi realizada em parceria com o espaço Cultural Casa do Conde (atual Funarte e IPHAM), agregando um público de 1300 pessoas. No depoimento de Sônia, fica transparente que estes processos de parcerias e organização para atender as atividades de finalização das oficinas, contribuíram para que toda a reestruturação e reformulação operacional do Arena fosse revisada, atendendo as demandas que culminariam na ocupação do espaço Núcleo de Formação e Criação Artística – sede da extinta Secretária Municipal de Cultura, que viria acolher o programa em espaço amplo e próprio para a formação artística como seu núcleo central. Augusto cita a experiência da secretária de cultura Celina Albano, para esta nova reformulação e gestão do programa Arena:

A secretária de cultura, Celina Albano foi incisiva e disse que o departamento de Ação Cultural não podia ficar no campo da subjetividade, da oralidade, que tudo que estava sendo dito e vivenciado, precisa tomar um corpo e documentado para ser defendido juntos aos órgãos principais e de competências para permanência do projeto. Então fizemos esta estruturação que só foi possível depois de toda avaliação e apontamento quantitativo e qualitativo da participação do público nas oficinas, resultados das mostras e circuitos, debate nos fóruns que apontaram o caminho da formação e difusão da arte, que foi entregue a secretária para viabilizar a reestruturação física e a organização dos recursos financeiros para garantir a continuidade do projeto. (AUGUSTO, 2015).

Assim, o Arena começa a ganhar corpo e voz, revelando os seus resultados e o impacto multiplicador, saindo do campo da subjetividade, se concretizando e passando a ocupar não só seu espaço físico, no prédio do Edifício Central, mas também os recursos oriundos para suprir as suas atividades através da Secretaria Municipal de Cultura, em ação com seus órgãos subordinados. A partir da realização da quarta Mostra Arena, em 2006, o espaço de formação artística passou a ser conhecido como Núcleo Técnico de Formação e Criação Artística, porém ainda prevaleceram dificuldades de estrutura administrativa e também de estrutura física para atender as demandas das oficinas e de ensaios preparatórios para os resultados das Mostras. Sônia nos conta que:

A extinta Secretaria Municipal de Cultura, como órgão gestor da cultura, não possuía um corpo de profissionais para suprir as demandas administrativas e também não tinha autonomia para administrar os recursos aplicados no Programa. Por isso, no período de 2001 a 2004, passou por grandes entraves na operacionalização dos recursos, até agregar uma instituição com experiência administrativa para garantir sua reestruturação e toda organização de contratação de pessoal e prestação de serviços. (AUGUSTO, 2015).

A intervenção da ex-secretária de cultura Celina Albano, ao apresentar a proposta de participação da FUNDEP – Fundação de Desenvolvimento e Pesquisa⁶, foi muito importante para constituir uma parceria que propiciaria a reestruturação administrativa e física do programa. Esse fato se deu devido às diversas discussões através de fóruns, conferências e debates entre gestores, artistas e educadores que

⁶ FUNDEP - Fundação de Desenvolvimento e Pesquisa, é uma entidade reconhecida como fundação de apoio pelos Ministérios da Educação (MEC) e da ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Foi criada em 1975, por um grupo de professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), para ser instrumento de apoio as atividades acadêmicas e de pesquisa da Universidade e, desde então, vem contribuindo para o seu desenvolvimento nas diversas áreas do conhecimento.

participaram dos cinco primeiros anos do programa, e apresentaram maturidade e uma visão ampla das demandas necessárias e dos resultados alcançados em todo o processo de ação do Arena.

As ações culturais desenvolvidas no projeto que foram realizadas e atenderam todas as demandas reivindicadas pela cidade, nos anos de 2006 a 2012, contou com a minha participação autor desta monografia, onde passei a compor o quadro de funcionários. No primeiro momento como produtor, na realização dos Circuitos Culturais, contribuindo também como diretor artístico e, posteriormente, como professor até 2012. Esta vivência me fez perceber um grande impacto transformador do programa, em toda a cidade. Tenho certeza que esta força afinou diálogo entre poder público, comunidade, professores e alunos, para sua reformulação, a cada ano de experiência. Os resultados dos trabalhos desenvolvidos, no período de 2005 a 2007, trouxeram demandas importantes e estruturantes para a implementação do programa e do seu plano quadrienal, onde foram destacados os seguintes tópicos e ações que foram agregados como novas propostas:

- Reformulação e implementação do formato de oficinas oferecidas ciclo básico, 1 e 2 sem estrutura de pré-requisito;
- Reestruturação e implementação nas oficinas de capacitação e qualificação para profissionais permitindo sua continuidade e inserção no mercado;
- Ampliação dos segmentos artísticos, com a inclusão das artes plásticas, área de impacto em todos os resultados da Primeira Mostra.
- Estruturação administrativa e implementação de recursos para atender o aumento de demandas dos cursos das nove regionais;
- Descentralização das mostras do Programa com a criação de Circuitos Culturais Arena da Cultura, resultados das oficinas em cada regional;
- Participação nas atividades culturais oriundas de Festivais, mostras e eventos onde as ações dos segmentos e áreas artísticas afins, se compreendiam para o fortalecimento e formação dos alunos. (PLANO QUADRIENAL, 2005, p. 6).

Neste período em que atuei no programa, além de perceber com mais clareza a sua força artística e política, também pude ver a valiosa relação de integração das áreas, o importante papel da escuta para compreender as especificidades da diversidade humana envolvida e embalada por aquele instrumento, hoje reconhecido em nosso país. Isto tudo me faz comparar ao processo cognitivo de uma criança entre 8 a 9 anos de idade, que começa a desenhar um sonho de se tornar adulto, onde a sua personalidade começa a ganhar forma, assim também a identidade do Arena passa a ser identificada e ganhar laços de convivência com a comunidade. Essa

participação no processo de estruturação efetiva e afetiva do Arena é percebida em 2008 – quando se comemora os seus 10 anos de existência – onde a participação de todos os usuários nos fóruns regionais, os resultados das mostras, circuitos e conferências são externados nas atividades de comemoração, trazendo um grande levantamento histórico através de fotos, vídeos, o registro do catálogo comemorativo e depoimentos. Todos estes resultados, mais uma vez, foram importantes e relevantes para a reestruturação dos novos planos metodológicos e também para a formação e transformação dos sujeitos que ali podem experienciar o fazer artístico.

Todos os processos estruturantes começaram a ter novos desdobramentos e surgiram outras ações de formação e criação artística para atender a população. A partir disso, foi implantando o programa BH Cidadania e o Agente Jovem, promovendo uma diversidade de oficinas artísticas para crianças e adolescentes, paralelamente com Arena, sendo alimentado pelo mesmo espaço, o Núcleo de Formação e Criação Artística. Estes desdobramentos foram relevantes para que o Arena da Cultura se consolidasse como um dos principais equipamentos de Ensino de Arte da cidade de Belo Horizonte, a partir de 2008, dando um passo significativo com a integração junto aos centros culturais, para atender as oficinas de formação artística e cumprir o desejo já sinalizado por todos os usuários, como afirma Sônia Augusto na entrevista.

A repercussão da Mostra de 10 anos do Arena da Cultura, sinalizou a necessidade de uma reestruturação definitiva deste instrumento, que através do fórum de construção do Plano Quadrienal, para 2009 a 2012, foi estabelecido, dentre outras premissas, a criação da coordenação área de dança, ampliação do quadro técnico de profissionais nas áreas de teatro, dança, música e artes visuais e os novos rumos desta Escola Livre, tão desejada por todos. Com este novo plano, cada área artística passa a ter uma estrutura de uma forma específica, porém todas passam por organização semelhantes e são caracterizadas para atender as demandas de formação/capacitação e difusão com suas ações descritas no último plano quadrienal (ANEXO II). A construção deste processo foi realizada em 2008, onde pude contribuir pela última vez, como professor na estruturação deste plano. Houve outras mudanças significativas no período de sua paralisação, entre 2009 e 2011, para atender as oficinas de sensibilização em todas as áreas, com ações a serem desenvolvida também nos espaços do BH Cidadania.

A gestora Sônia Maria acredita também que a força desta identificação entre o programa e a cidade de Belo Horizonte é revelado a todo o momento, e destaca a

ação realizada pelos os usuários no ano de 2010, quando artistas, ex-alunos, professores e comunidade saíram às ruas para exigir a retomada do Arena da Cultura, que foi suspenso por motivos de reestruturação administrativo, desde julho de 2009. Como sujeito que participou deste processo, posso afirmar que o mês de julho do referido ano, ficou marcado na historia do Arena para sempre, quando somos surpreendidos em reunião, pela atual diretora do departamento, senhora Solanda Steckelberg, comunicando a todos os coordenadores e professores presentes, a paralisação do programa, onde todos silenciaram, com a frase da diretora.

[...] esta é apenas uma pequena pausa para reestruturação, devido mudanças que já vinham sendo discutida com o objetivo de valorização profissional dos alunos, entre outras reivindicações administrativa e pedagógica, que irão contribuir para a institucionalização do Arena para a cidade [...]. (STECKELBERG, 2008).

Mas a morosidade do retorno provocou outras inquietações na população, alunos e em nós educadores e gestores, sobre o verdadeiro motivo desta paralisação. Assim, um grupo de artistas, tendo como frente os alunos de ateliê das artes visuais, me convidaram a tomar frente de um chamamento, com manifestação artística através de caminhada para solicitar ao prefeito Márcio Lacerda, as respostas claras sobre o retorno do Arena.

Essa resposta somente foi constatada quando toda a população foi convocada em 2012, para o processo de seleção de professores e alunos. Com este retorno, finalmente, é possível perceber que o programa começa a ser respaldado para garantir sua visibilidade de forma concreta e sua institucionalização, passando a ser a primeira Escola Livre de Artes de Belo Horizonte, firmando sua própria identidade.

1.3 Reconhecimento da construção coletiva

O retorno do Arena em 2012, após mais de dois anos de paralisação para se reestruturar, traz uma nova formatação e passa a ser consolidado como um programa efetivo, sendo caracterizado, em 2014, como uma Escola Livre de Artes, de formação e difusão cultural. Este espaço de Ensino de Arte, que tem contribuído com o diálogo e a vivência entre comunidade e poder público, se propõe a garantir o lugar onde a escuta a troca e a construção coletiva é uma das principais ações entre as pessoas para atingir seu objetivo. Estes processos, tem permitido que possamos identificar a

identidade do indivíduo dentro do coletivo, e o papel do trabalho em grupo no fazer artístico, para discutir o sujeito em formação através da ação da escuta, troca e suas diversas manifestações de construção coletiva.

A Fundação Municipal de Cultura, para garantir esta participação da comunidade usuária do programa, realiza a primeira ação do processo de institucionalização, garantindo em sua reforma administrativa a efetivação do equipamento Núcleo de Formação e Criação Artística, espaço administrativo de distribuição das ações de formação/capacitação e difusão cultural. Com as reformulações das áreas artísticas e o reconhecimento como Escola Livre de Artes, o Arena passa a atender também as demandas do circo, patrimônio cultural e design popular, que também são oferecidos gratuitamente para pessoas, a partir da faixa etária de 14 anos de forma descentralizada. Essas oficinas são propostas nos equipamentos culturais, nos espaços do BH Cidadania e em parceria com outros espaços dos movimentos culturais, onde todos os resultados são apresentados nas mostras para promover o intercâmbio entre espaços públicos e comunidade. Essa diversidade de proposições no segmento das artes tem permitido um acesso e acessibilidade democrática à cultura, bem como contribuído para que a Escola seja referência nacional e internacionalmente, podendo garantir e alcançar a diversidade humana e cultural.

A reestruturação do Núcleo de Formação e Criação Artística, através das demandas de suas coordenações para fortalecer o trabalho desenvolvido com os usuários em suas atividades, ganharam aliados nos anos de 2007 e 2008, em outros projetos realizados pela Fundação Municipal de Cultura como o FAN (Festival de Arte Negra), FIT (Festival Internacional de Teatro Palco e Rua), FIQ (Festival de Quadrinhos), Salão do Livro/Encontro de Literaturas entre outros que pude participar e contribuir na função de produtor artístico neste período.

A participação dos alunos do Arena nestes processos se davam através de visitas, palestras, intervenções artísticas, exposição e criações desenvolvidas com a especificidade de cada área, participando também da grade dos eventos. É importante destacar a materialização de um trabalho integrado com as outras atividades e instâncias da FMC, através da atuação junto à Diretoria Especial de Equipamentos Culturais, com o desenvolvimento das oficinas de iniciação artística nos centros culturais (da linha de Formação e Capacitação), onde possibilitou as condições de expansão da escola na cidade. Estas experiências resultaram na

execução de um dos últimos planos quadriênis, planejado de forma a contemplar as ações artísticas das áreas, dos quais podemos destacar:

- Manter as três etapas do ciclo formativo, com alteração de conteúdos programáticos, em algumas áreas artísticas;
- Desdobrar a área de artes cênicas em outras duas – Dança e Teatro –, apresentando novo formato para a área da Dança, com base nos resultados obtidos, em 2008;
- Realizar, em caráter experimental, nas quatro áreas artísticas, laboratórios e oficinas de Pesquisa e Experimentação;
- Retornar a ação da linha de Memória e Patrimônio Cultural, interrompida desde 2000, por meio de propostas a serem apresentadas por cada uma das quatro áreas artísticas e, nesta linha, intensificar a integração com os centros culturais;
- Priorizar a oferta das oficinas de iniciação artística nos centros culturais e realizar nas próprias Regionais, somente quando os espaços físicos nestes equipamentos forem adequados às oficinas. (PLANO QUADRIENAL, 2008, p. 6).

A partir do levantamento e pesquisa no site da Prefeitura de Belo Horizonte, onde está citado todo o histórico do Programa Arena da Cultura, é possível constatar que durante esses 15 anos de existência, toda sua formulação e diretrizes foram norteadas para atender a um público universal com escolaridade heterogênea, restrito acesso aos bens culturais, baixo nível de renda, com idade entre 14 e 80 anos e distribuição geográfica pelos extremos da cidade. Para isso foi necessário a criação de uma metodologia de formação artística que respeite a diversidade cultural e também a inversão de prioridades ao implantar e garantir o acesso aos serviços descentralizadamente. Com esse objetivo firmou-se no cenário cultural da cidade, principalmente entre os artistas e grupos, tornando-se uma referência de política pública, capaz de atender às demandas de parte significativa da população, é o que está indicado e publicado no histórico dos planos quadriênis, como frente de ações de arte e educação no programa.

Os resultados apresentados até momento, principalmente os qualitativos, precisam ser mensurados e aferidos por meios estatísticos e técnicos, através de outras pesquisas com os alunos, artistas e grupos que passaram pelo projeto, visando identificar o lastro que o projeto promoveu em suas vidas, inclusive em relação à inserção deles no meio artístico e cultural da cidade, para termos certeza da ação transformadora do programa e das necessidades de suas reformulações. Sabemos que a Escola Livre de Artes – Arena da Cultura, cumpre uma importante função em Belo Horizonte e região metropolitana, em Minas Gerais e no Brasil, garantindo e

incrementando o debate sobre as políticas públicas culturais, o papel da arte, os direitos culturais e os processos de formação, criação, produção e circulação de bens artísticos no país. Percebe-se, enfim, que este espaço vem executando os seus objetivos, ou seja, contribuindo com a formação de artistas e grupos, e o desenvolvimento cultural das comunidades.

Este envolvimento para mim, é um desenho da identificação da população com a metodologia do programa que está vinculada na relação entre a troca e a escuta, garantida pela sua prática em sala de aula, por meio das reuniões de avaliação nas oficinas, de ensaios, e resultados das Mostras e dos Circuitos Culturais. Estes elementos trouxeram e possibilitaram a todos nós usuários, não só o lugar de receptores da ação, como também o de sujeito capaz de propor, intervir e contribuir com o conteúdo em todas as atividades, de acordo com as nossas vivências.

O processo de efetivação do Arena da Cultura, foi um grande desafio entre gestão pública, sociedade civil e artistas que veem se debruçando para fazer deste exercício, uma ação de políticas públicas permanente. Este espaço de formação e integração das artes, além de se manter como ação multiplicadora também propiciou o fortalecimento dos laços entre os segmentos artísticos (teatro, música, dança e artes visuais), que foi importante para alavancar a identidade do Arena da Cultura. Essa união e fortalecimento dos segmentos artísticos permitiu construir um espaço verdadeiramente de escuta e troca de valores artísticos, destacando o ensino de arte em uma ação propagadora do reconhecimento do sujeito como protagonista na criação e aprendizado.

2 ARENA DA CULTURA, IDENTIDADE CONQUISTADA

Neste capítulo, a minha proposta é pontuar a identidade do Arena da Cultura, como espaço de arte e educação, que tem o objetivo de trazer os impactos das ações e processos vivenciados durante os períodos de 1998 a 2011. Período onde foram levantados todos os caminhos realizados de reestruturação e desenvolvimento das atividades, que foram relevantes para o primeiro passo de institucionalização que contribuíram para a constituição da ELA – Escola Livre de Artes. Todos esses processos de implementação e organização permitiram a continuidade das ações de formação/capacitação e difusão, a partir de 2012 até os dias atuais.

Desta forma pretendo discutir estes processos com outros autores citados na bibliografia, através das obras “Alfabetização Cultural, a luta íntima por uma nova humanidade”, de Dan Baron⁷, os artigos “Educação como ação poética”, por Stela Barbieri e “ Formação do Belo Caráter”, por Rosa Tennebaum, destacados revista Humboldt⁸ número 104 – Mediação Artística e número 106 – Educação entre o coração e a razão entre outros. Os autores citados, trazem em sua narrativa uma discussão sobre o processo de criação e aprendizado em espaços formais e não-formais, as relações de troca e escuta e as vivências que são pertinentes para um intercâmbio dos processos de Ensino de Arte.

2.1 Transformação a partir da escuta

Para identificar a identidade do Arena da Cultura, Escola Livre de Arte – ELA, é preciso reconhecer este espaço como lugar de transformação humana. A vivência que adquiri neste espaço de compartilhamento de ações artísticas e culturais, perpetua e registra o retrato da realidade da Escola Livre de Artes, atualmente um espaço do pensamento livre. Dan Baron (2004) em sua obra Alfabetização Cultural, descreve sobre certa luta íntima por uma nova humanidade, onde nos traz

⁷ Dan Baron Cohen, nasceu em Londres, Inglaterra em 1957. Formou-se em literatura inglesa e pós graduou em teatro político pela universidade de Oxford. Atua como professor de teatro comunitário e arte educação na Universidade de Glamorgan. No Brasil atua como professor visitante na universidade do estado de Santa Catarina, colaborando com teatro-educação. Atualmente é presidente do conselho geral da Associação Internacional de Drama-Educação (IDEA).

⁸ Humboldt, é a revista cultural do Goethe-Institut para o diálogo com o mundo ibero-americano. Arte, Cultura e sociedade são alguns temas abordados que segue a tradição do patrono que lhe dá o nome, Alexander Von Humboldt, que, através da descoberta geográfica do continente latino americano, construiu as bases para um intenso intercâmbio entre as nações e se tornou um símbolo da profunda ligação entre a Alemanha/Europa e a América Latina.

levantamentos de condições e estruturas de Ensino de Artes, que são desfavoráveis pelo pouco recurso investido, mas que são apoderadas pelos atores/usuários com tamanha dedicação e envolvimento, destacando sua luta por uma nova humanidade. Tenho certeza que todos aqueles que passaram e passam por esta escola de arte de Belo Horizonte, seja nas ações de formação e ou difusão, também contribuíram para esta luta. O autor afirma sobre a necessidade desta posição de escuta na atualidade, para impor sua identidade. Para Baron (2004), é preciso entender a escuta como um dos elementos primordiais para organizarmos as condições de ensino em nossas escolas. A experiência que tive como professor no Arena, revelou-me, através da escuta e da troca, um caminho de entendimento e compreensão entre educador e aluno, na ação mais simples que lhe era comunicada e solicitada para que sua execução e os resultados tivessem retorno claro e objetivo.

Por isso entendo quando Baron (2004), diz que em ambas as relações temos de um lado um povo hostil construindo sua possibilidade de identidade de forma lúdica, frágil sem ambição e ganância, de um outro lado um povo construindo sua possibilidade de se identificar, enfrentando a opressão, o medo e o silêncio, arriscando seus desejos para romper com estas barreiras. Apresento Baron, com uma citação que me propiciou ver e sentir a abrangência que as Artes tem na formação e a identificação do sujeito como agente de transformação do seu meio social e cultural. No capítulo 1, “Contexto da proposta”, o autor defende que:

[...] libertadas da camisa-de-força das piadas medrosas e inibições viscerais, as artes podem renovar os poderes perceptivos e empáticos das inteligências de nossos sentidos, possibilitando a (re)sensibilização e autocompreensão necessárias ao cultivo da nova solidariedade reflexiva e da comunidade da qual precisamos para arriscar o novo. (BARON, 2004, p. 37).

A troca e a escuta estabelecida entre estes dois núcleos de sujeitos sociais, constrói e fortalece as ações de aproximação entre estas facetas, para alcançar um mesmo caminho. Seja de forma direta e indireta, com recursos ou não, em pequenas estruturas físicas ou não, em escolas formais ou informais, nossas principais armas, são esses sentimentos de sensibilização e valores para que esta luta seja propagada através da educação e das artes para a construção de novas possibilidades, e se possível em todas as comunidades em nosso país, por uma sociedade mais humana.

A minha participação como educador, no Arena da Cultura, agora nomeado Escola Livre de Artes, propiciou vivenciar esse lugar de enfrentamento, arriscando

junto com diversas comunidade as possibilidades criativas para defendermos nossos direitos à este espaço de criação e educação através das artes. Para garantirmos esse lugar, não se podia medir esforços e tão pouco apontar as condições precárias dos locais de trabalho e, sim, transformá-los de forma que nossos usuários e gestores públicos percebessem este lugar de sensibilização e autocompreensão de um novo pensamento coletivo, que reverberava cada vez mais na periferia da capital mineira, onde a diversidade cultural se aglutinava nas comunidades. Baron (2004) comenta o poder das Artes na educação e ensino, e que para contribuirmos como mundo democrático e inclusivo é necessário redefinir a alfabetização, incluindo as nossas inteligências e as suas linguagens para uma compreensão mais verdadeira do ensino.

Acredito que não haja outra maneira de aprender a nos interpretar no mundo, empática e dialogicamente – em solidariedade com os outros em vez de contra eles – e experimentar criativa e coletivamente a construção de um futuro justo e humano. (BARON, 2004, p. 38)

São essas maneiras de experimentar criativa e coletivamente apontadas por Baron (2004), que compreendo como ações norteadoras da ELA, que a partir da escuta, da troca e da construção coletiva tem realizado um trabalho solidário e humano. Apropriando de toda a experiência adquirida na ELA, como usuário e agora como pesquisador deste tema, é perceptível ver e sentir a relação que se estabelece entre educador e aluno para a construção dos conceitos teóricos e práticos sobre as artes visuais. É neste sentido que Baron aponta a questões relativas a identificação reflexiva e libertadora do sujeito, onde sua criação, sua atuação e seu trabalho são reconhecidos, identificados e se destacam como um todo, numa reflexão que atinge todo o corpo deste espaço de criação artística de forma coletiva e individual.

É deste lugar da identificação reflexiva e libertação, que Baron (2004) destaca como papel relevante para o surgimento e crescimento de espaços coletivos como a Escola Livre de Artes. Espaços que promovem a criação e estímulo ao fazer artísticos, conquistados pela luta destas comunidades e indivíduos, que talvez ainda excluídos, se fortalecem usando estas armas de sensibilização para garantir os mecanismos transformadores para sua construção.

Assim a formação da identidade destas escolas, são construídas para garantir nossos direitos na fruição dos bens culturais com continuidade e permanência destas ações. Este é marco e a identidade da ELA, onde a diversidade de ações culturais, promovidas pela nossas inteligências e as linguagens artísticas, propiciam a

participação, identificação e o empoderamento entre público, alunos, professores e gestores. Neste sentido, as três diretrizes já destacadas no primeiro capítulo (atendimento ao público universal, metodologia que abarque a diversidade cultural e descentralização espacial), proporcionaram um reconhecimento das áreas de atuação da escola e também dos resultados das oficinas, caracterizados tanto por exposições, publicações, apresentações e também pelos depoimentos nas falas dos alunos nos encerramentos das oficinas.

Todo esse processo me faz ver e escutar as colocações de Baron (2004), quando ele diz que são estas multiplicidades de ações, reflexões e estudo que evidenciam um programa como este em conjunto com a participação dos movimentos artísticos, através dos cidadãos que se propõe a romper com a rigidez do sistema opressor. Compreendo que a participação desses artistas e educadores, provocou e provoca em nossa sociedade um novo pensamento das artes e da educação para a formação e construção individual e coletiva, conscientes de suas funções inteligíveis e criativas. Este pensamento tem apresentado ações que possam contemplar toda diversidade artística, atendendo um público diverso e traduzindo a necessidade real da população em qualquer situação econômica, étnica e social. Além de contribuir e estimular a troca e a escuta no exercício de ensinar e aprender. Foi isso que vivenciei no período de 2006 a 2012 no Arena da Cultura, juntamente com o coordenador Marcos Vogel, onde trabalhamos para fortalecer, alimentar e ampliar esse trabalho de construção coletiva, permitindo a formação de novos grupos e movimentos culturais, sociais que continuaram a busca incessante para que estas transformações fossem concretas e referendadas pelo poder público.

Este encontro me mostrou um cenário das relações humanas, que Baron (2004) apresenta em sua obra para entender e discutir o importante papel do sujeito e o reconhecimento de sua identidade. Transitar neste campo do encontro afetivo a partir da arte, possibilitou-me um olhar determinante da função e papel do Arena da Cultura como mecanismo cultural de impacto para cidade, devido sua capacidade de interação, troca e escuta desenvolvida de forma coletiva. Neste sentido, quando Baron (2004) revela que a partir da prática vivenciada em mundos desconhecidos entre índios, movimentos sem terra, estudantes, comunidades e cidadãos em busca de uma luta íntima por uma nova humanidade, é possível criar novas fronteiras, através da troca e da construção coletiva, em uma luta incessante para sermos reconhecidos e percebidos como sujeitos com potencial e experiência para aprender e ensinar.

2.2 Mostras e circuitos culturais, resultados norteadores

Neste sub-capítulo abordarei também uma outra faceta do Arena da Cultura não abordada até então: Os Circuitos Culturais, dos quais participei nos anos de 2005 a 2007. Os Circuitos são caracterizados como espaço de difusão cultural onde os resultados dos trabalhos apresentados são valorizados de forma ética. Todo acompanhamento do processo de construção, se dava através das direções artísticas em um espaço com a participação de toda comunidade, com suas experiências e diversidade artísticas, levada ao público em cada regional. Esses Circuitos tiveram um papel fundamental para alavancar o Programa e o trabalho das artes visuais, que propiciava como objeto principal a valorização da identidade nos resultados apresentados. Esses resultados repercutiam nas mostras, apresentando um destaque impactante, porém não efetivava a função da difusão cultural em um campo mais amplo, pois a mostra aconteciam sempre na região central. De uma certa forma não permitia uma descentralização dos bens culturais, impossibilitando o fácil acesso e a acessibilidade para as comunidades que estão em regiões mais distantes e de baixa renda.

Por isso, destaco a importância dos Circuitos Culturais, que cumpriram o seu papel de valorização da identidade do Arena da Cultura, pois possibilitaram além do diálogo entre público e artistas, um envolvimento que era multiplicador e impulsionador para a participação e ingresso do público no programa. Os Circuitos foram marcados pelo grande impacto das artes visuais, agregada com os outros segmentos artísticos, para atender a participação da grande massa da população em cada regional, apresentando grandes resultados nos circuitos. A divulgação se realizava com a participação de todos os envolvidos, onde os grupos artísticos criavam slogan impactantes e com apelos visuais, utilizando de faixas, intervenções em jarretes, painéis em grafite, fanzine e flayer desenvolvidos pelos alunos de artes plásticas para atrair o público.

É importante salientar que os Circuitos Culturais existiram enquanto o Programa ainda era intitulado Arena da Cultura. Atualmente esta faceta do Programa não é realizado devido aos cortes de verbas que aconteceram nos últimos anos. Trazer à tona essa trajetória do Arena da Cultura, permite-nos uma reflexão passo a passo das conquistas e ampliação do projeto, seus desdobramentos e todos os momentos vividos com dedicação e apreço de todos que apostaram neste trabalho,

hoje reconhecido internacionalmente. Estas motivações pelo ensino através da arte têm me provocado e me impulsionado a pesquisar as peculiaridades do ensinar e aprender, o que me levou a perceber e compreender o trabalho desenvolvido pelo programa.

Os Circuitos Culturais e as Mostras impulsionaram o pensamento e a força artística, cultural e política do programa, a partir dos resultados das oficinas e a participação dos grupos artísticos em cada regional que compreendia na representação e atuação dos alunos, demonstrando suas habilidades e capacidade artística depois de dois a três anos de atividade de formação. Neste capítulo, abordo o compartilhamento e as integrações artísticas com propriedade, pois atuei na produção artística dos Circuitos e Mostra nos anos de 2005, 2006, 2007 e 2008. As primeiras mostras realizadas no período de 2001 a 2005 ampliaram a discussão sobre a descentralização das atividades, criando os fóruns e seminários para que a participação e envolvimento da comunidade fossem reconhecidos em suas regiões. Para estabelecer esta ampliação, foram necessárias reformulações no plano quadrienal, onde foi implementado a participação de diretores artísticos de cada segmento, para conduzir os alunos e a comunidade artística envolvida. Com o objetivo de cumprir com a ação de difusão cultural, criou-se os Circuitos Culturais, que apresentaria os resultados das oficinas e toda a produção dos artistas locais selecionados em cada regional.

O processo de construção dos Circuitos compreendia uma grande estrutura operacional para atender o trabalho desenvolvido no período de seis meses. Os locais onde eram realizados demandavam um trabalho intenso para instalar uma estrutura de impacto visual, em cada regional, permitindo fácil acesso e acessibilidade à população para assistir um trabalho com qualificação, capacitação e integração, entre artistas e segmentos na composição de um grande espetáculo de arte. O Circuito Cultural é uma ação que para mim destaca com toda a totalidade a identidade que o Arena da Cultura construiu. Como observador desta faceta do programa, que tem como finalidade relatar a sua trajetória e o ensino de arte, destacar o Circuito Cultural é de extrema importância, pois as artes visuais, como área de conhecimento e ensino, tiveram nos Circuitos um papel fundamental de impacto para a recepção e a percepção do público. Este espaço de percepção era construído com a participação de todos como uma grande galeria de artes.

Todo o trabalho de estruturação e ambientação dos locais definidos para as apresentações do circuito exigia uma grande estrutura, pois o grande volume de ações culturais, entre estas as artes plásticas, necessitava desta estrutura para dar impacto e visibilidade dos trabalhos desenvolvidos nas oficinas, que evidenciava de forma tridimensional todo o ambiente, ou seja, um grande palco, para valorizar todas as ações artísticas apresentadas pelas artes plásticas, teatro, a dança, o circo e a música. Os espaços de montagem dos Circuitos eram as avenidas que convergiam com praças em uma área com mais ou menos mil metros quadrados, com palco e iluminação. Os trabalhos de artes visuais estruturavam a composição deste espaço com telas, painéis de grafite, instalações, painéis de desenhos, pinturas, entre outros. Os Circuitos aconteciam em duas regionais, consecutivamente durante o mesmo mês, sendo dois por final de semana, e que muitas vezes se fazia também intercâmbio de ações produzidas em cada regional, além de valorizar o trabalho autoral e coletivos de alunos e artistas. Esta valorização dos grupos artísticos e o impacto visual dos circuitos é reconhecido na fala do atual professor de música e ex-aluno que teve sua primeira vivência com os movimentos artísticos através do Arena da Cultura: Herbert da Silva Almeida (ANEXO III) que foi aluno da arena nos anos de 2007 a 2009 e atua como professor de música na oficina de sensibilização desde 2012. Para ele a sua experiência foi intensa e a primeira com arte, que possibilitou uma diversidade artística que lhe deu grande base como músico. Ele destaca sua experiência como professor e aluno no seguinte depoimento.

A primeira vivência que tive foi nos circuitos que tinha um apelo visual forte e nós tínhamos que dialogar com outras áreas. O Circuito para mim no processo de difusão e formação cumpria seu papel educativo e impulsionava a qualificação causando impacto nos resultados. Ali eu participei com minha banda e como aluno com resultado da oficina de música.

Quando eu era aluno a relação com o professor era bem direta e isso permitia a relação mais afetiva. Nós tínhamos dois professores que trabalhavam em dias diferentes e em conjunto trabalhavam as especificidades com todos os alunos.

Atuando como professor na oficina de sensibilização, percebi que apesar do pouco tempo as ações também são mediadas de forma direta e participativas para criação da aula em conjunto. A importante ressaltar que minha experiência como aluno eu replicava como professor, contribuindo com outras experiências que vivenciei no Arena. (ALMEIDA, 2015).

Os depoimentos e experiências do ex-aluno nos fazem, mais uma vez, perceber o impacto destas ações de difusão e formação, sua abrangência e

desdobramento no ensino de arte. É devido estes processos que as divulgações dos resultados das atividades do Arena, nos Circuitos e mostras contavam com intervenções artísticas realizadas pelos artistas locais, que se deslocavam em todos os bairros das regionais, difundindo os resultados das atividades. Nestes resultados, a exposição das artes visuais era um lugar de contribuição imediata na formação do público e na reformulação dos processos criados pelos alunos, permitindo o desenvolvimento de projetos individuais e coletivos. É importante destacar a manifestação do público, diante daquele corpo artístico, olhos atentos e perplexos, diante dos trabalhos desenvolvidos pelos seus agentes culturais, sua identidade revelada. Cidadãos que se expressavam através da arte produzida em sua comunidade, reconhecendo o valor e a dimensão dada pelo espaço chamado Arena da Cultura. Assim esta ação de difusão cultural ampliava a participação das comunidades nas oficinas, aumentando as demandas das ações do programa e sua abrangência.

Os Circuitos Culturais foram realizados nos anos de 2003 a 2007 e se propagaram como uma ação multiplicadora, que garantiu a fruição dos bens culturais para a cidade de Belo Horizonte. Sua retomada irá manter uma ação transformadora que resgata e destaca a memória viva dos movimentos culturais, ação que foi identificada pela população com propriedade em seminários e fóruns que apontou o reconhecimento do Arena como uma Escola Livre de Artes, garantindo sua personalidade e identidade como um espaço de diversidade artísticas e humana.

Para garantir a força da identidade deste programa como política pública continuada e o seu processo transformador, o Arena da Cultura, em 2008, realizou a Mostra de Arte Arena 10 anos, que tem como registro a produção do catálogo – Mostra Arena 10 anos (ANEXO IV), com resultado de todas as atividades produzidas no quadriênio 2004/2008 com teatro, dança, artes visuais e música. Uma ação que comoveu toda a cidade de Belo Horizonte e ganhou visibilidade nacional e internacional. Sobre esta MOSTRA de 10 anos, destaco a fala do ex-diretor de ação cultural da Fundação Municipal de Cultural, Sr. Bernardo da Mata Machado⁹, no catálogo comemorativo fotos 1 e 2, resultados dos alunos de artes plásticas.

O que antes era um privilégio das elites, passou a ser um direito de todos. E a qualidade do que é apresentado na mostra dos resultados

⁹ Bernardo da Mata Machado é especialista em história de Minas Gerais e política cultural.

das oficinas artísticas e nos circuitos culturais do Arena demonstra que talento e vocação não são restritos a uma só camada da população. Quando estimulados, todos os seres humanos são igualmente criativos. (MACHADO, 2008, p. 2).

Figura 2: Instalação – Sala de interação com bolas – trabalho de alunos de artes plásticas – Prof. Aline Valetin.

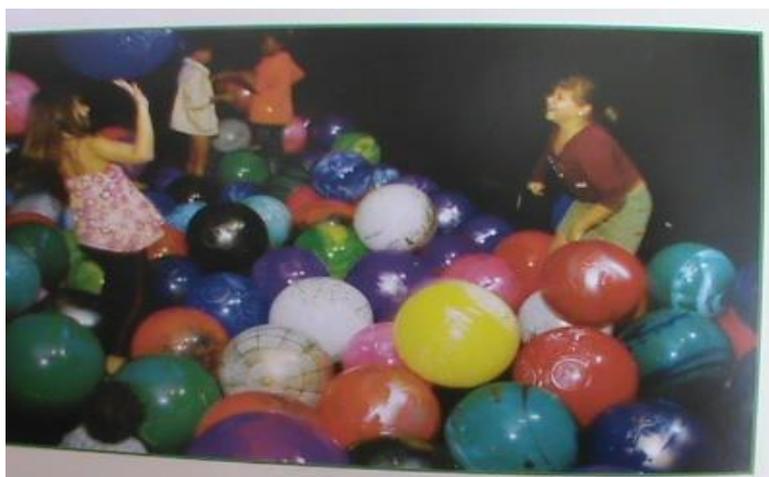


Figura 3: Galeria de exposição dos alunos do atêlie de pintura – Prof. Wiliam Quintal.



2.3 Arena da Cultura, a Escola Livre de Arte – ELA

Todo o processo de constituição do Arena da Cultura, hoje a Escola Livre de Artes, por ter passado por diversas transformações e reestruturações nesses quinze anos de existência, possibilitou seu reconhecimento e sua institucionalização. Toda essa organização se deu também pelas manifestações e atos políticos por parte de seus usuários, que enfrentaram recessos, que infelizmente foram marcados pela tristeza e depressão, deixando perdas significativas. Recessos que compreendem no afastamento de muitos que partiram desse espaço de tempo em busca de outras

possibilidades de criação artísticas e outros que partiram deste mundo com a certeza que contribuiriam com o fortalecimento da identidade da escola, deixando o seu legado. Recessos que por motivos de recursos financeiros, ou até mesmo pela pouca experiência administrativa em gestão pública levou o governo a suspender o programa em 2009, e consecutivamente a reduzir o quadro de profissionais em meados de novembro de 2015. Ações que nos surpreendem, porque este programa tem reconhecimentos significativos como a agenda 21, através de suas ações de sustentabilidade, valorização da cultura, recebendo o primeiro lugar com troféu e 50 mil euros pelo reconhecimento. Atitudes que nos levam a perguntar a todo o tempo quais serão as novas reformas para manter definitivamente com continuidade os espaços de Ensino de Arte não-formal ou formal no Brasil, como o Arena da Cultura?

Para mim, todos esse processos contribuíram para o fortalecimento da identidade do Arena e alavancou a necessidade de reestruturação e criação da Escola Livre de Artes, que é marcada pelo registro importante do papel da ação coletiva para construir através das artes e da educação, a possibilidade e o direito de dialogar com todos os povos sem medo da diferença e da diversidade do humana. A afirmação desta identidade é reconhecida ao longo destes anos e marcada por diversos processos e fatos históricos que possibilitaram a sua institucionalização, onde todos esses momentos importantes, citados também nos capítulos anteriores, foram decisivos para garantir este espaço como lugar multiplicador e de valorização dos segmentos artísticos na capital mineira e região metropolitana.

A paralisação do Arena da Cultura, no período entre 2009 a 2011, foram anos difíceis, onde toda uma geração de usuários e trabalhadores se viram sem perspectiva, após acreditarem na promessa que este recesso, seria apenas uma breve parada, para organização institucional. Depois de um ano sem nenhum retorno e perplexos com uma decisão tão ditatorial, nós artistas e usuários, começávamos a nossa articulação em defesa do Arena da Cultura para que outras gerações pudessem chegar e encontrar este espaço reaberto e ocupá-lo para manifestar o seu direito de expressão através da formação artística e a garantia de manter sua continuidade.

Devido a morosidade de retorno de seu funcionamento, em dezembro de 2010, em companhia com um grupo de artistas plásticos do curso de atelier de pintura, professores e alunos do curso de teatro, organizamos a manifestação que contribuiu para dizer ao representante de nosso município o valor e reconhecimento da escola. Nossa manifestação ocorreu com uma caminhada da Praça da Estação até a sede da

Prefeitura, na rua Goiás, para entregada carta manifesto “*Arena to be or no to be*” (ANEXO V), pedindo a retomada urgente do programa.

Esse fato nos fazia perguntar a todo o tempo, como que um programa com tamanha magnitude e com mais de 10 anos de atividades promovendo a formação, capacitação e difusão cultural a uma geração de jovens, adultos e idosos poderia estar excluído? Nós não podíamos mais ficar no silêncio, pois essa conquista no campo das artes, através do trabalho coletivo, da troca de saberes e da escuta, do aprender e do ensinar, foi um ato de reconhecimento da identificação e necessidade da população pelo programa. Para nós usuários não justificava, num momento de reformulação do programa, a suspensão das atividades artísticas, consolidadas pelas políticas públicas. Por isso a nossa atitude de realizar esta manifestação em repúdio a esta ação represaria de inibição à criação artística, foi necessária para a retomada do Arena da Cultura.

Em defesa deste espaço que construímos juntos, em tantos processos de organização e reestruturação do programa, não podíamos deixar de quebrar com esta rigidez e este pensamento duro e cruel. Imbuídos de todos os conceitos de valores culturais, sociais e políticos, que foram vivenciados dentro do próprio Arena, e até mesmo por nossas experiências a partir da leitura de mundo partimos em caminhada em um ato público, com o mesmo potencial e força que colocávamos nos resultados dos Circuitos e Mostras até a sede da Prefeitura. A manifestação artística foi embalada pelo som de “*Proibido Proibir*” e “*Olha a banda dada*”, na voz de Caetano Veloso, e “*Que país é este*”, na voz de Renato Russo (banda Legião Urbana). Durante todo o trajeto distribuimos para a população o nosso manifesto onde destaco nossa pergunta que não teve resposta, será que está interrupção, foi mesmo para uma reformulação e reestruturação do programa para garantir sua identidade e permanência?

Convocação do Manifesto: “*Arena, to be or no to be, Arena*” – 2 anos sem Arena da Cultura. É importante lembrar a todos, que este é um dos principais projetos de formação de arte livre no BRASIL. Chega de silêncio e omissão da Prefeitura de Belo Horizonte, esse projeto tem que ser transformado em projeto de lei, o Arena da Cultura é da sociedade belohorizontina, e irá garantir as melhorias para uma cidade modelo em 2030. Por que o Arena continua fechado? (FERREIRA, 2010).

Nós do movimento de retomada do projeto, fomos recebidos pelo chefe de gabinete do prefeito, acompanhados pela presidente da Fundação Municipal de

Cultura e pelos diretores da Secretaria da Fazenda e do Arena da Cultura. Apresentamos a carta que foi entregue pelo aluno Fred e Dona Lourdes do ateliê de pintura, pedindo esclarecimentos sobre as perdas causadas pelo fechamento do Arena e pela falta de perspectiva de continuidade. Os dirigentes nos receberam com a devida atenção e também esclareceram os motivos que já havia sido comunicado no ato do recesso, porém não responderam sobre o prolongamento da paralisação, que ocorreu em agosto de 2009, com previsão para retomar em início de 2010.

Perplexos com as explicações e a falta de percepção dos gestores que ali nos receberam, somente nos confortamos ao sairmos Gabinete do Prefeito, quando ao pisarmos na rua Goiás, encontramos um grande número de colegas do programa, entre eles o ex-coordenador Marcos Vogel, onde confraternizamos a certeza de que este espaço era nosso. E ainda que tenhamos a morosidades das gestões administrativas do poder público, essa escola de arte ficará para a história de Belo Horizonte, foi o que definimos naquele momento como nossa meta.

Após algumas semanas, o Exmo. Sr. Prefeito Márcio Lacerda, através da presidente da Fundação Municipal de Cultura nos respondeu, em reunião presencial esclarecendo os motivos do prolongamento da paralisação do Arena da Cultura. A partir deste fato, nós da comissão de organização da manifestação, produzimos uma carta (ANEXO VI), comunicando a todos os envolvidos – usuários e artistas, os motivos esclarecidos sobre a paralisação.

Finalmente em novembro de 2011, acontece a retomada do programa, então a coordenação das áreas é convocada para reformulação do Plano Quadrienal e o chamamento para contratação dos professores e definição das inscrições dos alunos. Com este retorno foi incluído um novo formato das oficinas, com atividades de sensibilização¹⁰ dentro dos equipamentos do BH Cidadania.¹¹ Este vácuo no Arena, me faz novamente questionar se irão manter vivo sua identidade propagadora do conhecimento da arte?

O Programa Arena da Cultura demarcou sua identidade e trouxe definitivamente, depois de mais de dois anos sem atividades, um grande retorno à sociedade. Alunos, educadores e gestores não mediram esforços e ações individuais

¹⁰ A Oficina de Sensibilização é um processo que visa possibilitar um espaço de criação cênica a partir da vivência de cada participante dentro do grupo. As artes plásticas, as expressões corporais, vocais e musicais serão suporte para a criação desse espaço de sensibilização.

¹¹ BH CIDADANIA, espaço de desenvolvimento integrado, estruturado a partir dos princípios da descentralização, intersetorialidade, territorialidade e participação cidadã.

e coletivas para uma retomada de valores do projeto. Assim, reconhecer o Programa como referência de aprendizado para destacar a prática da “*troca, escuta e a construção coletiva*” desenvolvida em sua metodologia e no processo de criação através da arte para o ensino e para a formação, nos cabe apenas uma pergunta: a arte não é para todos? Qual é nosso grande desafio como educadores e artistas? Resistir durante 10 anos de atividade, que promoveram grandes avanços para a cultura em Belo Horizonte e depois silenciar durante anos, foi uma grande perda para todos. Inquietações são importantes para que possamos mergulhar com profundidade nos processos de criação e ações como as promovidas pela Escola Livre de Artes, permitindo sempre rever através dos resultados destas ações as experiências e vivências que são transformadoras para o conhecimento da arte. Assim, é preciso buscar o aprimoramento e cada vez mais ampliar o diálogo do ensinar e do aprender. A partir desta pesquisa, concomitantemente com leituras de obras que são referenciais norteadores, para discutir e evidenciar esta escola como espaço de ensino multiplicador, percebe-se o acesso da memória e de histórias construídas e conquistadas por um povo que acredita e luta pelos seus direitos à formação e a criação através da arte e da cultura.

Entre este conjunto de pessoas que contribuíram para a criação, implantação, continuidade e identidade do Arena da Cultura, hoje a Escola Livre de Artes, não poderia deixar de evidenciar Marcos Vogel e Rui Santana¹², duas pessoas que foram protagonistas deste projeto e que jamais serão esquecidas por aqueles que vivenciaram a sua dedicação e o envolvimento que fizeram pelo programa. O trabalho realizado por estes dois homens e artistas sempre foi contundente, garantindo a participação de todos com um único objetivo em que dividir, trocar, escutar, respeitar, amar, trabalhar, estudar, ensinar e aprender adjetivos recorrentes em suas ações coletivas que permitiam construir de forma clara e franca a identidade do Arena da Cultura. Essas características e qualidades, propagavam o trabalho que foi construído nos últimos anos através de ações cada vez mais concretas e com desdobramento para que o Arena da Cultura garantisse a continuidade à formação, difusão cultural se tornando definitivamente uma Escola Livre de Artes.

¹² Rui Santana, ex-coordenador das artes plásticas no Arena da Cultura, psicólogo e artista plástico, atuou em diversas escolas de Belo Horizonte e participou de várias exposições no Brasil e no exterior.

3 ESCOLA LIVRE DE ARTES – ARENA DA CULTURA

A partir da pesquisa sobre o processo de transformação da ELA, investiga-se o trabalho de Wilhelm von Humboldt (1808), onde é reconhecido todo o processo de organização e estruturação de ensino que revolucionou a educação na Prússia, no início do século de XVII. Este paralelo é apresentado para podermos entender as mudanças dos modelos e práticas de ensino desenvolvidas em diversas instituições em todo o mundo. Destacar ações que conseguiram implementar práticas de ensino que possibilitaram mudanças de comportamento e evolução dos alunos, a partir da relação efetiva e afetiva, promovido pela escuta e a troca.

Este trabalho desenvolvido por Humboldt (1808), é reconhecido em toda Alemanha no início do século XIX, sendo posteriormente homenageado com sua alcunha em uma das principais revistas de publicação sobre arte desde 1960, a Revista Humboldt. Na Edição desta revista de número 106 – A Educação entre o Coração e a Razão, Rosa Tennenbaum(2009) destaca os fundamentos de ensino implantado por Humboldt (1808), no artigo *Formação do Belo Caráter*. Tennenbaum (2009) nos permite entender e reconhecer que os processos aplicados por ele, tem como eixo o desenvolvimento do pensamento e a criação do indivíduo, onde compreendia o ser humano em sua totalidade. O pensar para ele está intimamente ligado ao sentimento, em que o ensino deve instigar também todas as outras faculdades em igual medida, ou seja, ao mesmo tempo temos que desenvolver o entendimento, aprofundar a visão e o sentimento sobre o objeto de estudo, e provocar a imaginação dos alunos. Este processo citado por Tennenbaum(2009), são experiências que tem sido trabalhadas no Arena através da orientação pedagógica, com o objetivo de provocar e estimular nos alunos, sentimentos e sensações para que a percepção de todos os sentidos sejam aguçadas. Estas observações são destacadas e reconhecidas nos relatos e depoimentos de alunos e ex-alunos, professores e ex-professores sobre o processo desenvolvido no Arena, nestes últimos três anos de estruturação da Escola Livre de Artes – ELA.

É este lugar que tenho percebido em todo processo de análise entre o programa e estes fundamentos para identificar o trabalho desenvolvido por esta escola de arte, que tem a clareza de garantir de sua missão, em sua totalidade como discorre Humboldt (1808), onde a formação do belo caráter destes sujeitos, serão reconhecidas pelas práticas e teorias que possibilitarão sua evolução.

O que defende Tennenbaum (2009) no artigo Formação do Belo Carater, é apontado pelos entrevistados sobre estas práticas e teorias de ensino trabalhadas no Arena, a Escola Livre de Artes. Para todos, o professor trabalha como um multiplicador, estimulando o entendimento, a visão e o sentimento desta fruição, que provoca um conjunto de sensações para iniciar a imaginação criativa dos alunos. Nos depoimentos é percebido que toda a estrutura e funcionamento contundente do programa como uma das ações principais de promoção das políticas públicas da cultura revelam que o reconhecimento e a identidade destes sujeitos é um direito conquistado, o que garante a continuidade desta escola.

Desde meados de 2008, nas diversas reuniões de reestruturação do plano pedagógico, do plano quadrienal e de avaliações dos resultados das oficinas a discussão sobre a institucionalização do Arena da Cultura, tem sido manifestada. Nessas ações o papel dos gestores públicos, coordenadores, professores e alunos foram importantes para garantir e defender a ELA como espaço de criação, formação e difusão. A gestora pública Sônia Augusto, que é uma das mentoras na organização e estruturação do programa desde sua idealização, afirma que desde 2006 a comunidade tem sido recorrente na afirmação que o Arena da Cultura é uma Escola Livre de Artes.

A construção desta institucionalização é essencial para valorização da profissionalização dos cursos, ampliando o reconhecimento desde a grade curricular, até a estrutura pedagógica de formação e carga horária, afim de garantir o reconhecimento da formação artística aos alunos. E com advento do recesso entre 2009 a 2011, os gestores públicos e as coordenações se debruçaram para viabilizar os trâmites necessários para a reestruturação e sua institucionalização, que conta com complementação de estudos através de ateliê, porém ainda não há o reconhecimento de órgãos competentes referente a certificação profissional. Enquanto as estruturas administrativas e documentais eram reformuladas, a gestão e demais equipes, começaram uma nova etapa de elaboração do novo Plano Quadrienal, onde o formato do ensino ganha outras especificidades, permitindo uma escuta mais aguçada e uma troca mais efetiva, onde professores e alunos se desdobram em um compartilhamento único no desenvolvimento do processo de ensino. Enfim, o Arena da Cultura é reconhecido como Escola Livre de Artes, onde a formação ocorre com a conclusão de processos entre três a quatro anos.

É percebido no depoimento de professores que este reconhecimento e a nova estrutura trouxeram mudanças significativas, permitindo maior envolvimento dos alunos quando se dá a participação de mais de um professor na sala de aula e também com a participação de professores profissionais nas áreas de ensino de arte e por artistas cumprindo sua especificidade com mais propriedade. Atualmente o coordenador substituto do professor Wilson Avelar e professor da área de Artes Visuais – Igor Reis, que também tem uma trajetória como aluno, diz que no processo de institucionalização do Arena da Cultura em Escola Livre de Artes, houve ganhos que possibilitaram a reestruturação das oficinas, além da ampliação na atuação, atendendo mais público e uma ação continuada nos Centros Culturais.

Dentre as mudanças cita-se que o programa permitiu a estruturação do curso de Artes Visuais com os seguintes eixos norteadores, a relação e a participação na capacitação de alunos em outros projetos como a formação de monitores artísticos em parceria com a SMED¹³. Além disso, ocorreram modificações de cunho burocrático como a contratação de professores como mensalistas, emissão de certificados de conclusão dos cursos (garantindo reconhecimento e a profissionalização), além de permitir um trabalho continuado onde a experiência do professor é um instrumento importante de troca entre alunos e as diversas áreas, propiciando a multidisciplinaridade do Programa.

Ainda que seja percebido algumas lacunas para atender as ações de formação e difusão, devido as relações com as administrações dos espaços e equipamentos da prefeitura, a institucionalização permite que a ELA, seja efetivamente um mecanismo de continuidade, que foi constituído pela necessidade de atender o cidadão que construiu as suas demandas de conhecimento da arte. Este espaço é estruturador da ação coletiva, da troca, da escuta, uma escola informal, que permite a inclusão, acessibilidade e o fácil acesso, além da convivência da diversidade humana e cultural. O professor Ricardo Martins, da área de teatro reafirma que continuidade com a institucionalização é uma realidade mais viável, devido a sua reestruturação e efetivação dos recursos necessários para sua execução.

¹³ SMED, Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

3.1 Experiências e práticas na ELA

Neste sub-capítulo serei breve e pretendo traçar um memorial de experiências nas Artes Visuais e o seu processo no Arena da Cultura, apesar de ter elucidado nos outros capítulos, diversas experiências. O que me impulsionou para esta pesquisa foi o próprio Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, e buscar o Arena como objeto de estudo, era a única experiência mais contundente que tinha nas minhas mãos para relatar e entender passo a passo as reformulações das metodologias construídas no programa e os processo de reestruturação de ensino pelo segmento de artes visuais que foi criado pela Programa Arena da Cultura, até a sua ampliação em Escola Livre de Artes – Arena da Cultura.

Anterior à minha participação no programa, todo o processo de formação e desenvolvimento metodológico das áreas foi criado em 1998. Mesmo com apenas uma coordenação de áreas artísticas, as Artes Visuais já estavam contempladas e era destaque entre as áreas de Artes Cênicas e Música. Nesta experiência foi possível identificar a práticas desenvolvidas pelos professores a partir do desenho, pintura, gravura, grafite e instalações. Estes trabalhos eram desenvolvidos nos diversos módulos, com resultados de todos os alunos apresentados em cada semestre e, depois a partir de uma curadoria exibidos nas Mostras e Circuitos Culturais.

A partir dos resultados da primeira mostra, onde a demanda das artes plásticas e da música foram relevantes, as duas áreas passaram a ter sua própria coordenação. As Artes Plásticas passa a ser coordenada pelo artista plástico e professor de artes, Rui Santana, que com seu amplo conhecimento e experiências, impulsiona o curso promovendo ações dentro e fora do Arena da Cultura, destacando principalmente as atividades de Graffiti em Belo Horizonte e fora do Brasil. O coordenador propõe para a terceira Mostra do Arena um projeto de criação artística através do Graffiti chamado, “Horizonte do Graffiti”, onde são criados catorze painéis com representações dos símbolos históricos de cada regional, como a “Loira do Bonfim” entre outros conhecidos como lendas populares da cidade. Este trabalho é reconhecido dando visibilidade ao Arena e também à turma de Graffiti, que participaria de outros projetos representando o Arena através da orientação do coordenador. Entre estes projetos estão “Graffiti Muro e Maratona de Graffiti”, em parceria com a Faculdade FUMEC. Exposição Brasil França- Paris, em 2005, com o projeto “Horizonte do Graffiti” e a Bienal de Graffiti realizada em 2008, na Serraria Souza Pinto.

O Trabalho desenvolvido pelos alunos das artes visuais ganha destaque especial na Mostra de 10 anos, onde o grafitti, desenho, pintura, instalações e outras atividades desenvolvidas no segmento de artes plásticas. A mostra 10 anos Arena da Cultura, possibilita um grande destaque para as artes visuais, que teve em sua reestruturação metodológica na oficina com a implantação do módulo “ateliê”, espaço de aprimoramento do trabalho dos alunos com acompanhamento de um orientador, que, permitiu a continuidade e desenvolvimento dos trabalhos organizados para a exposição nesta Mostra. Esta área de conhecimento com a primeira reformulação do programa passa a oferecer, juntamente com as outras áreas, atividades que contemplam oficinas, workshops, ciclos de debates, seminários. Todas estas ações são orientadas por um coordenador da área para acompanhar o quadro técnico de profissionais, compostos de professores e diretores artísticos, que foi coordenada por Rui Santana até 2008, com apresentação dos resultados na mostra de 10 anos do Arena.

A primeira estrutura do plano quadrienal e suas reformulações surgiram a partir das demandas e necessidades percebidas nos resultados das mostras e circuitos, que evidenciaram para as três áreas importantes ações que propiciou principalmente um novo desenho para a área de artes plásticas na escola, dos quais destaco: a experimentação artística, a continuidade de estudos com o oferecimento das oficinas nos ciclos de aprofundamento e avançado, a integração com outras atividades, realização de laboratórios e oficinas de pesquisa e experimentação, ampliação da oferta de oficinas de iniciação artística nos centros culturais e também a integração das áreas.

Até mesmo o recesso teve uma participação maciça dos representantes das artes visuais para retomada do Arena da Cultura, o que mais uma vez, nos mostra e destaca este segmento como um lugar de valorização e reconhecimento do ensino de arte. O segmento de artes visuais com a institucionalização do Arena e sua retomada em 2012, passa a ser coordenado pelo artista plástico e professor Wilson Avellar que em conjunto com as outras coordenações, dentre as novas reformulações, possibilitou a ampliação das ações dos professores nas salas de aula e a inclusão das oficinas de sensibilização, ampliando seu campo de atuação. Com a institucionalização, a Escola Livre de Artes, passa a compor o cargo de direção geral para a condução e sistematização dos processos de reformulação da estrutura pedagógica e administrativa a cada quadriênio. Dentro desta estruturação, a base de formação das

artes visuais se dá a partir de uma metodologia onde o curso é denominado como Artes Plásticas. Esta área tem uma coordenação que acompanha professores e monitores, onde o objetivo principal é orientar nas oficinas, nos projetos e no desenvolvimento metodológico e processos pedagógicos que contribuam para a discussão dos conceitos de cultura, ética, estética, cidadania e democracia.

No descritivo do Plano Quadrienal 2009/2012, as artes plásticas atendem as seguintes demandas e prioriza os vetores de informação, técnicas, tecnologias e mercado; visa dinamizar as oficinas, o Núcleo de Criação, os Circuitos Culturais e a Mostra. Realiza a integração com as áreas de Dança, Design, Música, Patrimônio e Teatro, para garantir o acesso à formação continuada, à produção e difusão cultural. As oficinas de Artes Plásticas atendem à formação artística continuada, por meio das ações de Iniciação Artística, Aprofundamento de Estudos e Especialização, conforme a seguinte descrição no plano.

Primeiro Ciclo – Iniciação: Contempla uma carga horária de um semestre, com a carga de 126 horas-aula, divididas em 21 semanas, em dois encontros por semana de três horas-aula cada. A metodologia contemple a teoria e a prática necessárias para se conhecer o território inicial das Artes Plásticas. É desenvolvido a sensibilidade do aluno para sua continuidade, através da base em história da arte, estética, e a prática de exercícios em desenho, pintura, modelagem e técnicas mistas.

Segundo Ciclo – Aprofundamento: Contempla uma carga horária de três semestres, com duração de 21 semanas cada semestre; serão dois encontros semanais de três horas-aula cada, perfazendo um total de 378 horas-aula. Nesta metodologia é contemplado a história da arte com ênfase nos movimentos artísticos que se desenvolveram com base na arte pré-histórica até nossos dias, relacionando a estética com a ética e analisando essa relação nos processos da história da humanidade. Aborda também conteúdos práticos em suportes e técnicas variados com o objetivo de preparar os alunos para uma escolha específica no Ciclo de Especialização. Os semestres nesta fase são denominados módulos 1, 2 e 3.

Terceiro Ciclo – Especialização: Contempla uma carga horária de quatro semestres, com duração de 21 semanas cada semestre; sendo dois encontros semanais de três horas-aula cada, perfazendo um total de 504 horas-aula. Nesta etapa, o aluno faz opção por uma área específica das Artes Plásticas como escultura, gravura, grafite, pintura, cenários e figurinos. O aluno é orientado a desenvolver um aprofundamento individual e autoral para busca de um estilo próprio, criando sua identidade de expressão artística.

Ateliês – especialização em desenho, escultura, grafite, gravura e pintura: Contempla a participação dos alunos, que concluíram os ciclos de iniciação e aprofundamento dos estudos em Artes Plásticas, onde são oferecidas 15 vagas, que são preenchidas pelos alunos oriundos do Arena da Cultura ou por outros interessados, via seleção.

A carga horária proposta é de nove horas semanais, sendo três horas com orientação. Os Ateliês terão 4 semestres de duração.

Workshops Temáticos: Contempla uma formação teórica e prática com atividades complementares de curta duração e temas específicos, com uma carga horária de 72 horas de estudos. (PLANO QUADRIENAL 2009, p. 9-11).

Destacar esta área de conhecimento como um dos objetos de pesquisa me faz evidenciar as ações desenvolvidas em todos os processos de evolução pedagógica da Escola Livre de Artes – Arena da Cultura, além de mostrar o trabalho que cada área vêm construindo para a reformulação do ensino de arte. Para constatar este processo, relato o depoimento marcante de alunos das artes plásticas do ateliê de pintura, entrevistados (ANEXO XI) que estão na conclusão do curso, para compreendermos o papel da difusão e da formação na escola.

Cleuza Maria, está no Arena desde 2008, ela relata que não sabia desenhar um olho, mas sempre teve o desejo pelo desenho e a pintura. Ela afirma que sua habilidade estava na função de bordadeira, trabalhando na confecção manual com vestido de noiva com pedras e linha. Enfatiza que estes trabalhos foram significativos para sua inserção no Arena, que hoje lhe propicia um conhecimento mais amplo da história da Arte e sua segurança para o desenho e a Pintura. Ao perceber o relato desta aluna é possível compreender como as artes visuais, a partir do desenvolvimento e fundamentos práticos e teóricos têm possibilitado aos alunos identificar seus traços e linhas através da criação artística.

Já Raimunda Carvalho, diz que não consegue identificar outro lugar que pudesse ter mudado seu foco a partir do conceito de artes visuais e seu pensamento de mundo como artista e cidadã. Para ela ter vivido estas experiências artísticas no Arena foram significativas, para manter sua qualidade profissional a partir da troca com os professores e o seu aprimoramento no ensino. Ela afirma que a participação dos alunos tem sido evolutiva nos processos de criação. Ela relata que cada vez mais, todas as classes sociais têm buscado o Arena para dar continuidade a sua identificação com a cultura e a arte, e que este projeto é um lugar de transformação e que precisa ser preservado a todo o tempo.

Assim como Liviston Pereira em seu relato, Minervino revela que as artes visuais têm lhe proporcionado outro entendimento das práticas já conhecidas através da pintura, escultura e o desenho e afirma que o ensino na ELA é diversificado e a escuta do aluno é importante para avançar em cada etapa do curso. Ele relata que

todas as técnicas desenvolvidas nas aulas de artes visuais são trabalhadas com propriedade, embasamento, desdobramento nas atividades e trabalhos desenvolvidos de forma coletiva e individual. Nas avaliações são apresentados os processos de criações e é identificada a evolução dos alunos.

Todos os depoimentos e relatos sobre a Escola Livre de Artes – Arena da Cultura traduz que este é um espaço de convivência e promoção das artes, onde a inserção da diversidade humana, a acessibilidade, a inclusão, a democratização e a fruição dos bens culturais à população de Belo Horizonte e região metropolitana, devem ser de forma continuada. Contudo, não podemos ignorar que uma escola de arte, que se propõe a trabalhar neste processo não-formal, busca manter seus segmentos artísticos e identificar seus usuários a partir de resultados com impactos transformadores, multiplicadores, para que estes cidadãos se reconheçam como sujeito criador.

3.2 Compartilhamento e construção coletiva

Compartilhamento e Construção Coletiva, procura destacar um dos focos principal desta pesquisa, lugar que traduz a identificação de seus usuários com o Arena da Cultura – Escola Livre de Arte, e que evidencia a identidade deste projeto, um lugar onde ensinar e aprender arte é reconhecido por todos. Percebe-se na afirmação de todos os entrevistados, alunos, professores, gestores, ex-alunos e ex-professores, que esta característica é o que move a integração e a participação dos usuários no projeto. Na afirmação de todos, fica implícito que por ser uma escola não-formal garante a característica da diversidade artística, gênero, idade, religião e etnia. Há, sobretudo, um espaço acolhedor que estimula a capacidade criativa do cidadão em sua totalidade.

Descrever com clareza, profundidade e propriedade em cada capítulo o que é o Arena, permitirá ao leitor compreender o que é hoje a Escola Livre de Artes. Talvez seja uma utopia da minha parte esta afirmação, por isso começarei este capítulo questionando os processos de pesquisa e como eles se deram para refletirmos as possíveis certezas deste objeto investigado.

Para entendermos um pouco este lugar, destaco um trecho do texto “Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes” da pesquisadora Sandra Rey (2002). A autora permite-nos compreender e perceber a dimensão do processo que nos leva

a identificar o objeto de pesquisa e fazê-lo ser compreendido e reconhecido pelo leitor. Para Rey (2002), está subjetividade que chamamos de utopia é o cerne da questão e destaca no capítulo as seguintes questões em “A pesquisa como instauração de um lugar”.

A obra se fazendo constitui-se numa utopia na medida em que a idealização de um projeto é como o lançar uma flecha: partimos de um ponto determinado como uma mira, porém o ponto de chegada só poderá ser determinado pela trajetória. Não podemos prever com exatidão os caminhos pelos quais a obra se concretizará. "A obra é caminho dela mesma", segundo Klee. Essa trajetória, lugar onde a utopia se realiza, define-se com pertinência no conceito de instauração segundo René Passeron. Nesse sentido, o estudo da obra em processo vai encontrar respaldo teórico e filosófico na Poética. (REY, 2002, p. 28).

Para Rey (2002), a pesquisa em poéticas visuais apóia no conjunto de estudos que abordam a obra do ponto de vista de sua instauração, no modo de existência da obra se fazendo. Ela explica que o objeto da poética não se constitui pelo conjunto de efeitos de uma obra percebida, ou seja, para ela não é a obra acabada, nem a obra por fazer: é a obra se fazendo.

Quando ela descreve a poética, pressupõe três parâmetros fundamentais que são importantes na pesquisa sobre artes. E destaca a liberdade como expressão da singularidade, a errabilidade, ou seja, temos o direito de se enganar e a eficácia, se erramos temos que reconhecermos este erro e corrigirmos. Para ela, esse parâmetro leva em conta a constituição de significados a partir de como a obra é feita.

Através deste encontro com Rey, começo a compreender a dimensão deste estudo, para desenhar com mais detalhe e descrever este processo de criação deste espaço de provocação artística. A Escola Livre de Artes é um espaço que traduz esses Atos Poéticos,¹⁴ onde a escuta das linguagens artísticas é o primeiro passo para a organização o desenvolvimento da escola. Quando menciono esta relação, pretendo estabelecer um diálogo das atividades que são realizadas na Escola Livre de Artes, e demonstrar como estão ancoradas há um conjunto de estudos e ações que abordam também estes parâmetros citados por Rey. Atividades que propõem desenvolver a criação artística, para possível identificação do caminho que a formação, capacitação

¹⁴ Ato Poético, "modo de desvelamento" que dá lugar "a uma produção à medida que algo de oculto se presentifica no não oculto". Algo poético, vinculando-se por meio de seu radical grego, palavras que designam "o conhecimento no sentido mais amplo o fato de poder se reencontrar em alguma coisa e de aí se reconhecer"

e a difusão cultural, vem se estruturando nesses últimos anos a partir dos planos metodológico a cada quadriênio.

Estes apontamentos citados por Rey (2002) são revelados na entrevista do aluno do Ateliê de Pintura, Liviston Pereira Guimarães, onde enfatiza que a proposta pedagógica da Escola Livre de Artes, foi o ponto relevante para seu ingresso na escola, pois este encontro lhe fez identificar a capacidade de criação e desenvolver seus trabalhos nas artes visuais. Para o paulista, com poucos anos morando em Belo Horizonte, após ter vivenciado vários processos em escolas de artes formais em São Paulo, ao descobrir o projeto, reconheceu que aquele espaço propiciaria sua liberdade de expressão para a criação. Para Liviston, a escola coloca como prioridade o direito de empoderamento do aluno no ato de fazer, de errar, de aprender e de ensinar, propiciando este ato poético, citado por Rey, de forma mais simples, agregado às experiências já vivenciadas na sua criação. O processo de aprendizado na escola lhe possibilitou perceber e definir com mais clareza, a identidade de seu trabalho e também compartilhar sua criatividade com colegas e professores. Esta experiência adquirida lhe propiciou reconhecer o valor de sua obra, indiferente do material utilizado para a criação. Liviston enfatiza *o Arena da Cultura, a Ela, é um oásis no meio do deserto*.

O que é externado pelos alunos entrevistados, me faz destacar também a obra “O Professor Mediador” por Milene Chiovatto (2006), onde a relação entre estes dois atores, educador e aluno, se compreende na contracenana de troca, escuta e construção coletiva durante o processo criativo. Após o depoimento dos alunos acompanhei a aula do professor de artes plásticas, de ateliê Marcelo Dolabella (ANEXO VII), que também teve sua formação em artes plásticas no Arena da Cultura, e depois a graduação em artes visuais, na escola de Belas Artes da UFMG. A experiência adquirida nestas duas escolas lhe permitiu constatar o importante papel da Escola Livre de Artes, e a importância de sua institucionalização e atuação dentro dos parâmetros de ensino como uma escola não-formal. Para ele, este espaço garante a inserção do cidadão criador em um processo de formação qualificado, onde envolve a diversidade humana, sem regras estabelecidas para a divisão de faixas etárias dos alunos. Com o relato do professor Dolabella, não ficam dúvidas da importante

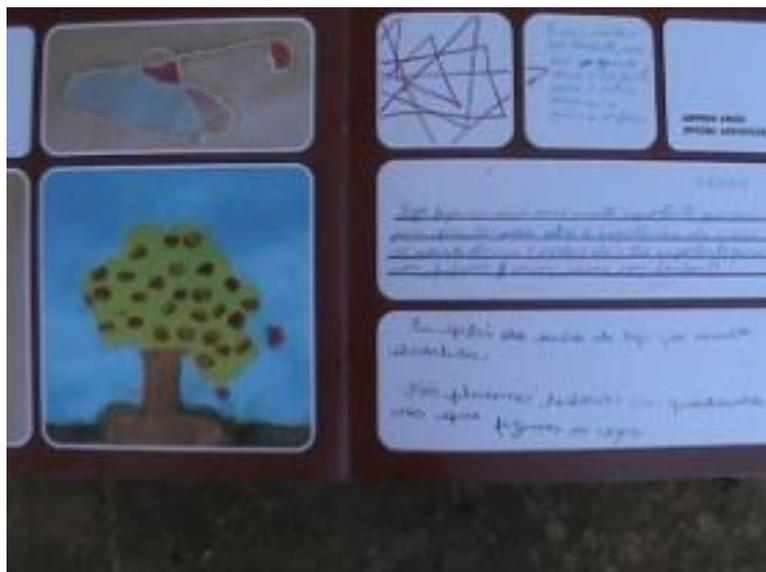
presença do professor-artista e mediador, em uma escola de arte. O professor afirma que com a institucionalização do Arena da Cultura, esse lugar é garantido para impulsionar e estimular a criatividade, o envolvimento e a participação dos alunos. Milene Chiovatto (2006), no texto “Professor Mediador”, discute esta ação docente e o papel de mediação do educador e destaca na sua obra a complexidade desta função, quando nos evidencia a seguinte argumentação:

O professor não é um “vaso”, um receptáculo repleto de informações e conhecimentos a serem dali retirados e dados aos alunos. O professor é um ser pensante e de ação. Através da reflexão e da ação, deve ser capaz de estabelecer ligações entre os conteúdos a serem transmitidos e as demandas e necessidades do processo educativo pelo qual passam seus alunos, suas respostas em relação ao assunto tratado e, na soma disso tudo, reavaliar suas próprias opiniões. Estabelecer ligações, sem impor uma determinada “verdade”, é o aspecto mais delicado da tarefa docente. (CHIOVATTO, 2006, p.2).

Chiovatto, nos permite constatar que este é o lugar do educador no Arena da Cultura: O de mediador. Este papel é reconhecido por todos os alunos entrevistados e percebido pelo professor Dolabella, quando ele destaca a forma metodológica que permite esta relação e a condução informal, enquanto escola de formação artística. Para ilustrar este lugar onde atuação do professor através do ensino de arte é constituído por este conjunto de proposições e pensamentos do ensinar e aprender, volto nas experiências desenvolvidas no programa em 2007 e 2008, onde os resultados coletados e registrados nos catálogos:

Mostra 10 anos do Arena da Cultura e as Mostras dos projetos Arte e Cultura Programa de Socialização Infante-Juvenil e Territórios, do programa BH Cidadania onde trabalhei como diretor artístico, é possível ver, sentir e identificar este envolvimento coletivo entre educadores e alunos na sua mais ampla diversidade social.

Figura 4: Trabalhos dos alunos da AMPROH União, artes visuais e áudio visual.



Fonte: Catálogo do programa de Socialização Infanto-Juvenil.

Para que seja compreendida esta afirmação sobre os trabalhos apresentados, se fez necessário ampliar a figura 4, para destacar o retorno de uma criança da oficina de áudio visual, com suas próprias palavras, onde podemos identificar o envolvimento dos alunos como agentes multiplicadores. Nesta oficina de áudio visual, eles se reconhecem como atores protagonistas e nos encorajam como educadores quando dizem: *“Eu gostei da aula de hoje foi muito divertida. Nós filmamos histórias em quadrinhos e nós fizemos as vozes.”*

Figura 5: Ampliação do texto da Figura 4 em destaque neste capítulo.

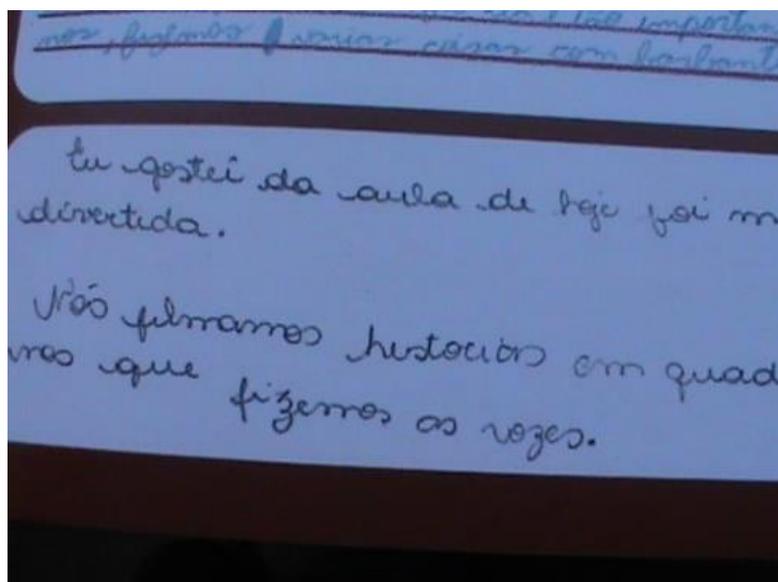


Figura 6: Trabalhos dos alunos de artes visuais – Arena da Cultura.



Figura 7: Trabalhos dos alunos de artes plásticas – Artur de Sá– BH Cidadania.



Estes projetos agregados ao Programa Arena da Cultura deram os primeiros passos de reconhecimento e identificação do sujeito através das artes. Os impactos destes resultados foram tão valiosos para que nossos representantes governamentais, naquele momento se mostraram sensibilizados e manifestaram nos catálogos de resultados dos programas, suas considerações sobre o empoderamento e o reconhecimento destes espaços pelo cidadão e também o seu impacto e fomento na formação artística e valorização da cultura e da arte em Belo Horizonte. Entre as falas destes gestores, sobre os resultados destes programas, destaco e reconhecimento do ex-prefeito Fernando Pimentel e da ex-presidente da Fundação Municipal de Cultural Maria Antonieta Cunha, sobre os impactos sociais e culturais do ensinar e aprender artes nestes programas que hoje são braços da Escola Livre de Artes, afirmado por Augusto. Este reconhecimento também foi defendido pelo ex-diretor de Ação Cultural Bernardo da Mata Machado, sobre o programa Arena da Cultura, citado no capítulo dois, subitem 2.1 –Arena, espaço de transformação humana a partir da escuta.

Esse diálogo bem-sucedido passa obrigatoriamente pela escuta respeitosa e pela busca não só das melhores formas de compreensão e atendimento de anseios, mas também no descortinar de horizontes cada vez mais amplos. Passa, também, pela rara qualidade da paciência, que evita respostas prontas e fáceis, mas espera o tempo individual da descoberta e do desabrochar. (ANTONIETA, 2008, p. 1).

É por isso que a cultura, em suas diversas manifestações tem tido um papel destacado. É arte em sua plenitude: dando sentido à vida, criando referências e identidades, motivando reflexões e ações afirmativas, reivindicando direitos e formando uma consciência do viver em comunidade. Neste esforço, que é sempre criativo, crianças, jovens e adultos constroem e reconstroem caminhos, forjando talentos e ampliando horizontes. (PIMENTEL, 2008, p. 1).

Para validar as afirmações dos processos desenvolvidos nos programas, registradas nos catálogos e nas falas destes gestores, sobre os resultados das ações e os seus desdobramentos nas relações entre alunos e professores, fui incisivo nas perguntas aos entrevistados, para poder entender estes processos na prática, vivenciado no dia a dia na sala de aula e outros espaços de atuação conduzidos pela escola.

Na entrevista com o professor Dolabella, pontuei algumas perguntas sobre os processos de trabalhos e as relações entre alunos, professores e coordenação, ampliando para a questão dos resultados obtidos nestes processos. As experiências

adquiridas por Dolabella são significativas, pois o mesmo esteve presente em dois momentos de construção e reformulação da instituição. Ele participou num primeiro momento como aluno, onde a escola ainda não havia passado pela reformulação para sua institucionalização e depois como professor, atuando na Escola Livre de Artes. Dolabella, nos revela de forma surpreendente o impacto dos resultados do Arena da Cultura e a relevância destes impactos com a institucionalização e a implantação da ELA – Escola Livre de Artes. Para compreender melhor a experiência do professor Dolabella, nestes dois processos de ensino, como aluno e educador nas artes, que é preciso realmente estabelecer ligações, sem impor uma determinada “verdade”, como afirma Chiovatto (2006), em o Professor Mediador.

Marcelo Dolabella de Amorim, conhecido como Dola por todos, hoje atuando como professor de artes visuais, na Escola Livre de Artes, no Ateliê de Pintura, relata que entrou no Programa Arena da Cultura em 2006, na oficina de artes plásticas e finalizou seu processo de formação em 2013. Em 2014 passou a atuar no programa como monitor até o primeiro semestre de 2015, quando assume o cargo de oficinairo/professor. Para ele, após a retomada do programa em 2012, o Arena da Cultura teve um crescimento relevante, retornando algumas áreas como patrimônio, além de ampliar as ações com outras áreas como design popular e circo, permitindo uma abrangência maior do programa. Ele afirma que o processo de institucionalização em andamento ganha agilidade, após o Prêmio Internacional CGLU¹⁵ – Cidade do México – Agenda 21 da Cultura – Primeira Edição e o reconhecimento de boas práticas destacado durante a reunião do Bureau Executivo da Rede de Cidades e Governos Locais Unidos, na 21ª Conferência do Clima da ONU (COP21), fortaleceram a identidade do programa alicerçando-o definitivamente na sociedade como espaço multiplicador e transformador do cidadão através da arte. Quando lhe pergunto sobre o processo de ensino e a sua participação como aluno e depois como educador, ele de forma simples e objetiva apresenta a diversidade destas experiências.

Após passar pela formação no Arena da Cultura e depois pela faculdade, posso dizer que as duas são parecidas, contudo há diferenças pontuais a serem destacadas: anteriormente a sua interrupção as aulas aconteciam de maneira mais livres, eu não sentia a presença de uma ementa vigorando de forma rigorosa. Com a retomada do Arena da Cultura em 2011, eu como aluno e atuando

¹⁵ Primeira edição do “Prêmio Internacional CGLU – Cidade do México – Agenda 21 da Cultura”, organizado pela Rede Cidades e Governo Locais (CGLU), a mais importante organização internacional de governos locais do mundo, que reúne mais de 100 países, entorno da agenda 21.

também como monitor, e concomitantemente cursando o bacharelado em artes visuais na UFMG, percebi que a nova coordenação não mediu esforços no intuito de reformular, ampliar e fazer presente em sala de aula a ementa do curso, sendo estipulados critérios para serem cumpridos em cada um dos módulos e cursos de longa e curta duração. Aos moldes da EBA/ UFMG, como professor posso agora visualizar estas questões de forma mais clara, pois o aluno na maioria das vezes não tem como avaliar este tipo de situação. (DOLABELLA, 2015).

Para Dolabella, o que é percebido como diferença na atuação da Escola Livre de Artes– Arena da Cultura em relação a um curso superior, deve-se destacar a extensão por parte teórica, lá muito presente e no programa diluída junto as práticas, entendendo que os públicos são diferentes e que para ter esta prática no Arena da Cultura, ficaria inviável, por ser uma carga teórica de aulas, muito maçante. Quando lhe pergunto sobre a função de professor, me responde com naturalidade que ser educador é possível se entendemos e cumprirmos com as nossas responsabilidades e que o mesmo se aplica aos alunos, por isso a escuta é fundamental.

Os professores faziam como fazemos hoje, um acompanhamento rigoroso das turmas e dos alunos individualmente na medida do possível, dado ao número excessivo de alunos em algumas turmas, pesando por um conteúdo relevante ao conhecimento na área contextualizando-o no cenário atual, artístico e social. Como professor, tenho como parâmetro de hombridade, respeito e dedicação aos meus alunos, o mesmo que recebi de meu professores no passado. Hoje as artes visuais têm uma ementa abrangente, que trouxe alterações na metodologia de aula como a atuação de dois e três professores para cada turma visando uma melhor qualidade de ensino. (DOLABELLA, 2015).

Dolabella defende que o trabalho desenvolvido e compartilhado entre professor e alunos na escola é reconhecido em sua totalidade no processo de criação e seus desdobramentos com resultados relevantes. Para finalizar esta entrevista, solicitei dois trabalhos desenvolvidos por Dolabella, como aluno e professor, que tiveram para ele resultados relevantes, motivados pela mediação, onde a escuta e a troca foram primordiais para perceber este lugar do ensinar e aprender, como ação multiplicadora. Na Figura 8, temos um trabalho desenvolvido por ele como aluno e na Figura 9, um trabalho desenvolvido em grupo onde ele atua como professor.

Figura 8: Desenho acervo Dolabella.**Figura 9:** Desenho acervo Dolabella.

A relevância de apresentar o trabalho desenvolvido por um ex-aluno e atual professor de artes visuais da Escola Livre de Artes se dá pelo fato desta escola permitir um processo de desenvolvimento da atuação do educador aliado a experiência do aluno. Assim apresento o trabalho citado na primeira figura, um dos últimos trabalhos realizado por Dolabella como aluno do Arena, onde a proposta era criar ilustrações na revista Babel Poética, tendo a própria revista como referência para uma possível publicação. Neste trabalho, ele conta que a mediação do professor foi de grande valia no processo de interação e intervenção do desenvolvimento criativo no objeto de suporte, o que possibilitou um resultado positivo de configuração entre a criação e a sua interferência na revista, objeto de suporte. Aqui nesta avaliação é possível identificar a posição de Chiovatto, quando relata o papel do professor mediador.

Na segunda figura, o retrato, atividade que ele propôs aos alunos com o objetivo de trabalhar neles o potencial coletivo e também o desapego, caracterizado pela capacidade de assumir a interferência de outra pessoa, recriando um novo trabalho, o professor aplica a prática de mediador para conduzir a interferência coletiva na ação. Para ele este exercício permite a reformulação da criação e também o desapego, por passar por várias mãos, se trata de um desenho flutuante, onde a sua configuração se dará após a última interferência, ou seja, nesta prática é possível perceber o que Chiavatto traduz como ação de mediação do educador no ensino. Esta discussão entre as relações citadas pelo professor Dolabella e as afirmações de

Chiovatto, ao enfatizar que através da reflexão e a ação com os alunos, é possível estabelecer as ligações entre conteúdos, demandas e necessidades no processo de educação, sem impor a nossa verdade é um aspecto delicado da tarefa docente, para garantir sua atuação como mediador.

3.3 Institucionalização da Escola Livre de Artes

Neste sub-capítulo, pretende-se relatar e discutir o papel da institucionalização da Escola Livre de Artes, e todos os processos de reformulações entre eles a reestruturação metodológica, pedagógica e operacional, seja dentro do plano quadrienal para orientação didática das coordenações, professores e alunos do programa, assim como na sua organização institucional, através da gestão e administração pública. Para decorrer sobre este assunto e todos estes processos, apresento algumas reflexões do livro John Dewey e o Ensino de arte no Brasil, organizado por Ana Mae Barbosa (2002). Quando aponto a reflexão desta obra em relação à Escola Livre de Artes, quero discorrer sobre o Ensino de Arte e as mudanças que são recorrentes na educação e como precisamos estar atentos para repensar nosso tempo. Por isso, apresento esta obra como elemento importante de fechamento desta pesquisa e a participação deste processo construído de forma compartilhada para compreender as características da Escola Livre de Artes – Arena da Cultura. Todos esses processos que a Escola passou com diversas mudanças, discussões e paralisações foram necessárias para entendermos que estas mudanças poderiam garantir as ideias e os ideais que esta escola não formal se propõe para trazer resultados efetivos que permitirão a continuidade dos trabalhos de formação, capacitação e difusão cultural.

Para entendermos todo este processo de estruturação desta escola de Ensino de Artes não-formal, foram necessários o estudo de obras que apresentam uma discussão sobre as ações que norteiam e evidenciam processos semelhantes, como indicadores para as reformulações pedagógicas do Ensino de Artes, que talvez possa contribuir para a organização da Ela. Entre estes estudos destaco “John Dewey e o ensino de arte no Brasil”, pois nesta obra é possível compreender a necessidade de reestruturação institucional para reconhecer toda a trajetória do processo de ensino e formação. Assim a atualização destes processos pode contribuir para afirmar a

identidade destes espaços e garantir a dinâmica de institucionalização fundamentada para o Ensino de Arte.

Em “John Dewey e o ensino de arte no Brasil”, é possível identificar o trabalho organizado por Barbosa (2002) e apresentar um dos grandes pesquisadores sobre as mudanças do ensino de arte no Brasil, que tem contribuído até hoje para a avaliação dos métodos aplicados nas escolas formais e não-formais. John Dewey (1884) defende as ideias de arte como pensamento visual reflexivo, através das obras, “Educação e Sociedade e em Meu Credo Pedagógico”, é o que fundamenta e defende em sua tese o pesquisador Nereo Sampaio, datada de 1929. Nesta abordagem percebo que para Dewey é imprescindível a experiência com o mundo fenomênico para excitar a consciência acerca da representação imagética. Para defender esta idéia, o autor exemplifica com um exercício feito em uma aula com crianças a partir de desenhos espontâneos de árvores e depois a mesma atividade é refeita pelas crianças, ao visitarem um parque e comparem o desenho com árvores. Com esta prática é observado caminhos que podemos seguir e aplicar através do ensino de arte, como nos exemplifica Dewey. Para ele a Arte era considerada representação da natureza, do mundo ao redor, da realidade, desta forma defendia o desenho de observação como melhor caminho para desenvolver a capacidade de ver e representar.

Esta experiência pesquisada por Dewey são caminhos que também é recorrente nas práticas das aulas de artes na Escola Livre, onde muitas vezes estas novas possibilidades metodológicas apresentadas pelos professores como citados por Igor Reis e Dolabella, permitem aos alunos entender e defender novos processos de criação, que irão contribuir para a reformulação das práticas de ensino, onde o sujeito tem o direito de reconhecer o seu espaço de formação.

Nos relatos do entrevistado Igor Reis (ANEXO VIII), coordenador de Artes Plásticas e Ricardo Martins (ANEXO IX), professor de teatro é recorrente a afirmação de processos e experiências nas práticas de ensino para a reformulação pedagógica. É citado também que o ideal desejado por todos na construção desta escola, seja de forma que sua estrutura possa garantir que o sujeito se reconheça e aproprie deste espaço de criação. Estas transformações são possíveis quando permitimos que a

relação entre o ensinar e o aprender, possibilite neste campo do mundo fenomênico¹⁶, mundo desconhecido citado por Dewey (1884), para que possamos estabelecer através da troca e da escuta, uma nova construção e um novo pensamento dos conceitos de ensinar e aprender.

Desta forma Igor defende a participação dos alunos da ELA, como elemento primordial de estruturação da escola, propiciando aos educadores seu reconhecimento e sua capacidade de contribuir com esta organização de ideias e ideais. Na entrevista com Reis, ele revela um fato que é importante para a reformulação de método de trabalho com os alunos. Ele conta que em uma aula definida em conjunto com os alunos, é surpreendido com a proposta definida, e diz não ter domínio da atividade a ser aplicada. Então ele propõe ao aluno que tinha conhecimento da atividade que conduziu a aula aos outros colegas, e cumpriu o papel de mediador no processo de criação dos alunos. Para mim, estas participações, mesmo que subjetivas, implicam na reestruturação de metodologias que podem ser relevantes para as novas proposições do ensino de arte.

Apropriando desta afirmação de Dewey, onde se refere sobre o mundo fenomênico como a manifestação de uma coisa-em-si, destaco o depoimento do professor Martins, da área teatro, que defende as ações de formação, capacitação, difusão, memória, e afirma que isto se dá pela percepção e reconhecimento deste espaço transformador e pela vivência em cada área, que trazem elementos fundamentais para a relação entre a educação através da arte, ou seja, a manifestação do sujeito de uma coisa em si.

A partir deste conceito de EXPERIÊNCIA é possível apontar questões trazidas pela escola que se apropria de outras experiências e experimentos práticos e teóricos que possibilitam as reformulações e construção de um processo pedagógico coerente que seja sempre multidisciplinar, não-formal e que garanta a participação ampla dos cidadãos. Problematizar os conceitos de Dewey em relação a ELA ainda que a escola tenha suas próprias questões, sejam elas, pedagógicas e administrativas, podemos levantar caminhos que possam garantir que este espaço não-formal defenda seus interesses pela reorganização da consciência em função da experiência estética, afirmado por Dewey (1908). São estes levantamentos e pesquisa para as

¹⁶ Mundo fenomênico, conceito também usado na ciência política, o mundo fenomênico refere-se à manifestação de uma coisa-em-si. Em outras palavras, trata-se de uma realidade onde tudo é uno, não havendo dissociação entre tempo e espaço.

reformulações e organizações que irão manter um formato de Ensino de Artes, que propicie sempre aprimorar a participação de alunos e professores para um conhecimento multiplicador, como os que estão sendo conduzido nos últimos anos na ELA.

A ex-professora de artes visuais Ione Amaral (ANEXO X), afirma e define o Arena da Cultura como escola de arte impulsionadora do olhar, do ver, da recepção de fora para dentro e vice-versa, onde este espaço tem um impacto transformador no dia a dia dos usuários que ali mergulham para a formação e difusão da arte em todos os sentidos. O relato de Amaral, me faz destacar mais uma obra que revela outra experiência de ensino que poderá contribuir com a reestruturação que estamos construindo a reformulação da ELA. No artigo “Educação como ação poética” por Stela Barbieri, da Revista Humboldt, número 104 – Mediação Artística, ela questiona o Ensino de Artes e o seu deslocamento para além das salas de aula. Assim, ela propõe uma ação que transfere o exercício desenvolvido em sala de aula para uma galeria de arte. Essa prática amplia a motivação do fazer artístico, a participação de outros sujeitos, a difusão ampla do ensino e o reconhecimento de uma espaço de formação artísticas pela sociedade. Barbieri, não tem dúvida que esta experiência proporcionará a reformulação e outra dimensão para o Ensino de Arte em uma instituição de ensino formal ou não-formal.

Por meio da arte e da educação, mudamos nossa visão de mundo e inventamos outras maneiras de olhar e agir. Ser artista e professor exige, portanto, um exercício constante de criação e descoberta de novos caminhos. (BARBIERI, 2011, p.17)

Estes processos também são experienciados pela ELA, onde a cada dia descobre novos caminhos e tem um papel multiplicador, pois, impulsiona a fruição dos bens culturais, a investigação artística ali produzida entre gestores públicos, coordenadores, professores e alunos, permitindo a troca de papéis, onde os alunos são estimulados pela capacidade de criação, encorajados a ampliar e buscarem outros conhecimentos e experiências em arte. A partir destas experiências fundamentadas por investigadores, pesquisadores das artes e até mesmo pelos os usuários da ELA, é possível sempre rever as formas contemporâneas do ensino para transferir, doar, repassar, ensinar e aprender a cada geração, com o objetivo de reestruturar um ensino cada vez mais aprimorado. A reestruturação da ELA, já evidenciado nos depoimentos dos profissionais e alunos da escola, tem como base

todos resultados produzidos nos processos de formação e difusão cultural do programa, onde a contribuição dos educadores, alunos, público e gestores foram relevantes para a sua reformulação a cada quadriênio, tendo como diretrizes novos caminhos para uma construção coletiva mais efetiva do ensino de arte no projeto. Estas discussões, organizações e mudanças, efetiva este programa como um espaço definitivo de ensino de arte a partir da informalidade, sendo caracterizado como escola livre, criada em 18 de novembro de 2014, conforme informações do site da Prefeitura de Belo Horizonte.

Escola Livre de Artes – Arena da Cultura

Criada em 18 de novembro de 2014, a partir do programa de formação descentralizada da Fundação Municipal de Cultura, o Arena da Cultura, a Escola Livre de Artes tem por missão garantir a democratização do acesso da população de Belo Horizonte à formação artística e cultural permanente e continuada. Seus processos de formação têm como objetivo garantir a experimentação e criação artística e cultural. A participação da sociedade civil na formulação de suas práticas e conceitos é uma premissa que organiza a sua ação de formação e cidadania.

Seus processos pedagógicos são estruturados em um ciclo formativo de quatro anos, organizados nas etapas de:

Curta duração: sensibilização artística e cultural; Longa duração: integrada pelas fases de iniciação, aprofundamento e especialização. (PORTAL/PBH, 2015).

Demonstrar neste capítulo as possibilidades que a Escola Livre de Artes tem permitido no ingresso e formação de cidadãos capazes de se reconhecerem como artistas para além da criação e desenvolvimento de suas habilidades artísticas, através do Ensino de Arte é reconhecer o trabalho que está sendo construído a cada século, para a implantação de espaços culturais transformadores, sejam eles, formais ou não-formais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada sobre o Programa Arena da Cultura, reconhecido internacionalmente como Escola Livre de Artes – Arena da Cultura se concretiza pelo mérito de todos que contribuíram para elucidar uma parte desta história, considerando este lugar com tanta diversidade de linguagens, humana e conhecimento de mundo. Relatar sobre as prioridades a serem discutidas para melhor aprimoramento do Ensino de Arte e também destacar a memória de um lugar que tem acolhido tantas pessoas e possibilitado um novo horizonte a cada uma delas, se reconhecendo como sujeito criador e transformador. Esta pesquisa me possibilitou rever tantos processos e conceitos desta escola de arte e lembrar tantos amigos que ali passaram e contribuíram para sua continuidade, além dos depoimentos de vários colegas e novos conhecidos do Arena. Trazer a tona esta discussão do processo de ensino de arte, a partir desta escola, espaço de convivência e multidisciplinar irá permitir que possamos percorrer diversos processos para a construção de algo que possa nos contemplar, e tenha o objeto de ensino que queremos pautado por caminhos e mudanças que contribua para o processo evolutivo do homem.

Mas para isso é preciso sempre nos perguntar que objeto é este que queremos? Será que esta escola de arte que estamos construindo está calcada no caminho que queremos? Quais os caminhos irão continuar? Será que estamos possibilitando a formação que garante os direitos de aprender e ensinar? Que rumos tomaremos com a institucionalização e com os novos parâmetros pedagógicos desta Escola Livre de Artes? Quais os caminhos estamos traçando e que queremos para a formação? O que estamos fazendo para contribuir com implantação de mecanismos e espaços que traduzem a possibilidade de reconhecer nossas angústias, nossos desejos e os métodos de nossa busca por mudanças no ensino de arte?

Talvez temos a certeza de que esta Escola Livre de Artes, com seu reconhecimento terá a garantia de continuidade para levantar a auto estima e a valorização do sujeito fazendo-o reconhecer seu papel como agente transformador. É preciso estar atento e forte para que as proposições que defendemos de estrutura física e pedagógica destes espaços de Ensino de Arte, não iniba a diversidade humana e artística que tem contribuído com a evolução e o processo de criação do sujeito.

A identificação da população pelo Arena da Cultura, sempre foi multiplicadora e para que possamos garantir cada vez mais esta abrangência desta escola, é necessário manter suas principais ações de formação e difusão com continuidade.

Nesta pesquisa foi necessária muita dedicação e a aprofundamento nos estudos para compreender a dinâmica do ensino, ou seja, travar uma grande luta, para reconhecer as diferenças dos conceitos e as relações estabelecidas entre autores, pesquisadores e educadores para a compreensão de uma mesma ação e fundamentos que muitas vezes percorrem caminhos distintos através da educação da arte. Foi preciso debruçar exaustivamente na obra de diversos autores, entrevistados e pesquisa de campo na prática para registrar este caminho já percorrido pelo Arena da Cultura, nossa Escola Livre de Artes.

Neste espaço de convivência e compartilhamento, onde a arte e a educação se convergem, o jogo do aprender e ensinar são melindrosos e para isso é preciso, sentir, ver, escutar, trocar, para construirmos e manter juntos um lugar acolhedor, onde a porta esteja aberta para todos e onde todos possam possibilitar que esta porta continue sempre aberta.

Mas de uma coisa eu tenho certeza: O Arena da Cultura não será mais esquecido pelo seu povo. Viva a Escola Livre de Artes – Arena da Cultura.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *John Dewey e o ensino de Arte no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

BARON, Dan. *Alfabetização cultural – A luta íntima por uma nova humanidade*, Tradução de Ali Rocha. São Paulo: Alfarrábio, 2004.

CHIOVATTO, Milene. O professor mediador. In: HELGUERA, Pablo (Org.). *Mediação – traçando território*. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

REVISTA Humboldt. Publicação do Goethe-Institut. *Mediação artística*, n. 104, 2011; *A educação entre o coração e a razão*, n. 106, 2009.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. *Catálogo Mostra Arena da Cultura – 10 anos, 2009. Catálogo Mostra BH Cidadania, 2007; Catálogo Programa Socialização Infanto-Juvenil, 2007*.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: E. Universidade/UFRGS, 2002. p. 123-140.

SANTANA, Ruy. *Catálogo de exposição Pinturas, 2008*.

ENTREVISTADOS: *Cleuza Maria, Herbert da Silva Almeida, Igor Reis, Ione Amaral, Liviston Pereira Guimarães, Marcelo Dolabella, Minervino Bentônico, Raimunda Carvalho, Ricardo Martins e Sônia Maria Augusto, 2015*.

SITES CONSULTADOS:

http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_O-Professor-Mediador.pdf. Acessos em novembro de 2015.

<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21>. Acessos em dezembro de 2015.

<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh>. Acessos em dezembro de 2015 e janeiro de 2016.

<https://pt.wikipedia.org>. Acessos em dezembro de 2015.

<http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/17/artigo133464-1.asp>. Acessos em janeiro de 2016.

ANEXOS

ANEXO I –Entrevistada – Sônia Maria Augusto – 2015

ANEXO II – Plano Quadrienal – 2009/2012

ANEXO III – Entrevistado – Herbert da Silva Almeida – 2015

ANEXO IV – Catálogo da Mostra 10 Anos Arena – 2010

ANEXO V – Manifesto Arena da Cultura Arena To be or no to be – 2010

ANEXO VI –Carta Resposta PBH, referente ao Manifesto 2010

ANEXO VII – Entrevistado – Marcelo Dolabella- 2015

ANEXO VIII – Entrevistado – Igor Reis- 2015

ANEXO IX – Entrevistado – Ricardo Martins- 2015

ANEXO X –Entrevistada – Ione Amaral – 2015

ANEXO XI – Entrevistados – Alunos do curso de Artes Plásticas – Atelier de Pintura:
Cleuza Maria, Liviston Pereira Guimarães, Minervino Bentônico e Raimunda
Carvalho Flores – 2015.

